

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

MÁRCIO ZAPICÁN CAMARGO ABELLA

“UMA NOVELA DA VIDA REAL”: ESTILOS DE VIDA DE JOVENS URBANOS E O
CONSUMO DA TELENOVELA MALHAÇÃO (PORTO ALEGRE, RS)

PORTO ALEGRE

2009

MÁRCIO ZAPICAN CAMARGO ABELLA

“Uma Novela da Vida Real”: Estilos de Vida de Jovens Urbanos
e o Consumo da Telenovela Malhação (Porto Alegre, RS)

Monografia apresentada ao curso de Ciências
Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul – UFRGS – como requisito parcial à
Graduação no Curso de Ciências Sociais.
Orientadora: Prof. Dra. Cornelia Eckert.

PORTO ALEGRE

2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR: Márcio Zapicán Camargo Abella

TÍTULO: “Uma Novela da Vida Real”: Estilos de Vida de Jovens Urbanos e o Consumo da Telenovela Malhação (Porto Alegre, RS)

NATUREZA: Trabalho de Conclusão de Curso

OBJETIVO: Graduação no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Antropologia

DATA: 29/06/2009

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Cornelia Eckert - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Rosana Pinheiro Machado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*Para minha mãe, Hortência Antonia Camargo Abella
e minha filha, Thaís Bohn Abella,
mulheres de ontem e hoje, gerações do meu sempre...*

Agradeço a todas e todos que colaboraram nesta aventura que é a academia.

Em especial à minha companheira, Eliane Silveira, pela dedicação, compreensão e carinho nos momentos mais difíceis..

Agradecimento afetuoso à Cornelia Eckert, aqui citada sem seus merecidos títulos, mas em sua qualidade maior, a de pessoa solidária...

Romance: arte de destelhar casas sem que os transeuntes percebam...
Carlos Drummond de Andrade
(1902-1987)

RESUMO

Este estudo antropológico trata da cultura do consumo das juventudes brasileiras em sua relação com o corpo – esse absorvido por um estilo de vida, tendo como objeto de recepção a telenovela *Malhação*, partindo de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Porto Alegre, Brasil, no ano de 2008. Por meio de uma etnografia das narrativas de quatro jovens telespectadores do romance televisivo, com um recorte geracional, territorial e de gênero, buscamos apreender um *ethos* jovem, sendo esse, possivelmente percebido em suas re-apresentações e re-elaborações cotidianas do que é consumido. Nosso objetivo é verificar e mensurar se e como é afetada a corporeidade das juventudes em suas imbricações imagéticas. Realizamos ainda observação participante, com a audiência de capítulos da novela, no sentido de compor uma etnografia dos personagens envolvidos na trama, procurando identificar relações possíveis entre o espaço e o tempo na construção de uma cultura geracional das juventudes urbanas.

Palavras-chave: Juventudes; Cultura do Consumo; Estilo de Vida; Corporeidade; Imaginário.

ABSTRACT

This anthropological study treats of the culture of the Brazilian youths' consumption in his/her relationship with the body - that absorbed by a lifestyle, tends as reception object the soap opera *Malhação*, leaving of a research developed in the city of Porto Alegre, Brazil, in the year of 2008. Through an ethnography of the four young viewers' of the television romance narratives, with a cutting geracional, territorial and of gender, we looked for to apprehend a young *ethos*, being that, possibly noticed in their representations and daily reverse-elaborations of what is consumed. Our objective is to verify and to measure and as the youths' embodiment is affected in their relationships with the dynamics of the image. We still accomplished participant observation, with the audience of chapters of the soap opera, in the sense of composing ethnography of the characters involved in the plot, trying to identify possible relationships between the space and the time in the construction of a culture geracional of the urban youths.

Key words: Youths; Culture of The Consumption; Lifestyle; Embodiment; Imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Telenovelas Brasileiras em Rede Nacional (p. 13)
- Figura 2 – A Força dos Romances Televisivos Juvenis da TV na América Latina (p. 16)
- Figura 3 – “Festa à Fantasia” em Episódio da Malhação 2008 (p. 19)
- Figura 4 – Jovens Informantes em “Recreio à Fantasia 2008” (p. 20)
- Figura 5 – Instituto Santa Luzia (p. 31)
- Figura 6 – “Léo” (p. 34)
- Figura 7 – Cássio (p. 36)
- Figura 8 – Kyane (p. 37)
- Figura 9 – “Mary” (p. 38)
- Figura 10 – Local dos Encontros no Instituto Santa Luzia (p. 39)
- Figura 11 – Jovens Informantes (p.42)

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

DVD – Disco de Vídeo Digital

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas

ISL – Instituto Santa Luzia

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PROJAC – Projeto Jacarepaguá

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RBS – Rede Brasil Sul

RGT – Rede Globo de Televisão

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

TCE/RS – Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul

TV – Televisão

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I - Malhação, Nosso Objeto de Recepção	17
Capítulo II - Nos Marcos da Desigualdade Juvenil, o Referencial Adotado	21
Capítulo III - O Estado da Arte e a Identidade nas Artes Juvenis	25
Capítulo IV - O Desenho da Investigação Social	28
Capítulo V - No Grande Palco da Vida: Apresentando os Personagens!	31
Capítulo VI - Corporeidades e Juventudes Imaginadas: Uma Novela da Vida Real	
DVD Anexo	40
Capítulo VII - E Quando o Assunto é a Malhação?	41
Capítulo VIII - No Resgate dos Dados Coletados, Uma Proposta de Análise	46
Considerações Quase-Finais	50
Referências	53
Apêndice A - Roteiros de Entrevista (Não Diretiva)	57
Apêndice B - Roteiro da Etnografia Audiovisual (Vídeo I, II e III)	58
Apêndice C - Questionário Modelo 1 (semi-estruturado)	59
Apêndice D - Os Personagens da “Novela da Vida Real”	60
Apêndice E - Rede Social dos Jovens Informantes do ISL	61
Anexo A - Malhação <i>by</i> Malhação	62

INTRODUÇÃO

“Meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem
sou rainha do meu tanque, sou pagu indignada no palanque
fama de porra-louca, tudo bem, minha mãe é Maria ninguém
não sou atriz, modelo, dançarina
meu buraco é mais em cima, porque nem toda feiticeira é corcunda,
nem toda brasileira é bunda”¹

Estava “navegando” na internet em um “site” que exhibe vídeos e outras mídias de relacionamento chamado “youtube” quando me deparei com as chamadas de abertura das telenovelas nacionais. Lembrei-me das músicas (trilha sonora) imediatamente. Fui incessante até encontrar todas as novelas desde a década de meu nascimento em 1973. Para minha surpresa, todas estavam lá: O Bem-Amado (1973); O Espigão (1974); Gabriela (1975); A Escrava Isaura (1976); Duas Vidas (1977); Dancin’ Days (1978); Feijão Maravilha (1979); Água Viva (1980). E elas (per) seguiam até os meus 18 anos, momento em que, gradativamente, afastei-me do cenário mágico da teledramaturgia brasileira, sem saber exatamente o porquê.

Na memória ficaram os sons e imagens que, de uma forma estranha, apontavam meu desenvolvimento individual em um processo maior e coletivo, o mundo das telenovelas. Processo este que hoje segue seu curso, só que com outros cenários e novos personagens. Dia a dia, em um simples clique de controle remoto, milhares de jovens vivem essa magia, tal como Alice no país das maravilhas, atravessando o espelho. Terão as novelas hoje o mesmo poder e (ou) influência sobre as juventudes que outrora tiveram sobre minha tenra idade?

Em nossos “tempos modernos”, comum aos procedimentos de constituição das identidades juvenis são os veículos de comunicação em massa, amplamente desenvolvidos concomitantemente à sociedade da informação e às novas tecnologias digitais. Que a mídia ocupa espaço no imaginário humano em seus sentidos culturais é lugar comum (LEAL, 1986).

Que os veículos de transmissão de informação constituem parcela importante na formulação de possíveis realidades também o sabemos (RAMONET, 1999). Dos diversos produtos e serviços veiculados pelas organizações midiáticas, o de maior aporte e apelo transversal, nas múltiplas classes e setores que compõe a sociedade, são as telenovelas, gênero específico que reúne elementos míticos e folclóricos (SILVERSTONE, 1994).

Apresentado o romance televisivo para um público geral, e compartilhado igualmente por parcelas numerosas das juventudes, esse item de consumo ideal se estabelece como

¹ Canção de nome “Pagu”, de autoria da cantora brasileira Rita Lee.

indicador de maior audiência nos diversos países em que atua. Movimentando, ainda, tal palco global, um mercado altíssimo de investimentos, instigando, assim, questões sobre suas implicações na vivência e experimentação das realidades pelos setores juvenis. Nosso objetivo, em estudando sua recepção imagética, é verificar se, como e em que medida é afetada a corporeidade das juventudes que assistem (consomem) às telenovelas brasileiras produzidas pela Rede Globo de Telecomunicação (RGT).

Nossa problemática se insere, portanto, na questão da cultura do consumo, partindo de algumas perguntas que orientam este estudo: Existe uma relação entre o consumo, a atitude e o comportamento junto às juventudes que assistem telenovelas? Em existindo tal relação, como se dá o processo e quais são suas consequências na corporeidade? Em se conhecendo os processos de construção ideal do consumo globalizado, padronizado, bem como da construção dos papéis sociais nas sociedades complexas, como se realizam as representações do imaginário televisivo na perspectiva da interatividade junto dessas juventudes?

As respostas possíveis atravessam imbricadas dinâmicas sociais, em que tomamos por objeto específico de recepção a telenovela *Malhação*². A escolha desta é porque a mesma iniciou em 1995, destinada a revelar novos talentos à RGT e tem foco nos públicos juvenis, perdurando ainda hoje, com evidentes mudanças em sua proposta original – o que ao “grande público” gera certa ambiguidade na qualificação e classificação da mesma como telenovela.



aos dados qualitativos, por efeito de sua representatividade significativa na pesquisa de campo.

Nosso horizonte teórico aponta para juventude enquanto construção histórica, social e cultural, com reflexos políticos e econômicos expressivos nas distintas realidades. Fenômeno relativamente novo na perspectiva da análise social, juventude é definida, enquanto objeto de estudo, nos mais diversos matizes e áreas do conhecimento humano – o que discutimos brevemente no capítulo III.

Para efeitos deste trabalho, entretanto, a perspectiva de entendimento que compartilharemos, para fins de compreensão do fenômeno juvenil, alia-se ao horizonte que aponta juventude “como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos futuros” (NOVAES, 2007:7). Isso porque as identidades juvenis são dinâmicas e acompanham as transformações sociais e culturais de sua época (ABRAMOVAY, 2004), e, por vezes, tencionam mudanças estruturais nas redes das relações humanas, alterando psicossocialmente atitudes e comportamentos.

A identificação de um ciclo de idades, em que determinados fenômenos biológicos delimitam razões práticas de acordo com a sua coexistência, é uma característica das sociedades ocidentais. O indivíduo, inserido em um esquema coletivo, não é uma criação apenas do mundo ocidental, entretanto, a invenção da juventude é peculiar de nossa sociedade. Em outras sociedades não encontramos tal correlato, apesar dessas culturas revelarem processos e rituais corpóreos no qual um marco referenda a passagem à vida adulta (KELH, 1996), como temos as festas de quinze anos, o casamento, a formatura, dentre outros.

Como indicadores dessa corporeidade, pretendemos destacar a *linguagem* – apropriação das gírias, bordões e expressões dos personagens da telenovela *Malhação* na forma de expressar-se dos jovens pesquisados; a *vestimenta* – as roupas e acessórios usados pelos jovens em sua relação com os personagens fictícios da novela; o *lugar das coisas* – o espaço e tempo das relações humanas percebidos nas narrativas imagéticas dos jovens informantes, em seu exercício de reconstrução ideal dos capítulos do romance televisivo, em nosso estudo tomado enquanto objeto de recepção.

Mais especificamente, portanto, a intenção deste estudo é abordar o estilo de vida existente nas juventudes desde sua re-elaboração das narrativas imagéticas que, de alguma forma, pode estar relacionado à telenovela nacional exibida pela RGT denominada *Malhação*. Analisamos como se dão as re-significações corpóreas no interior do grupo em suas relações, e das suas percepções e compreensões da realidade enquanto telespectadores – consumidores de romances televisivos. A relevância da temática de juventude está ligada aos múltiplos

processos em que a mesma se insere enquanto vivencia um cenário de subalternidade social, um tempo de espera e um tempo de chegada, em que a pessoa não é adulta, mas consome e produz como tal em sociedade.

O presente estudo “presume” algumas relações de sentido, conforme exposto anteriormente, em sua identificação e fundamentação imagética. Provavelmente verificáveis nas relações juvenis por meio da enunciação de sua corporeidade, modificada e transformada em meio às nuances performáticas dos personagens do romance televisivo da RGT nominado *Malhação*, que é consumido idealmente no cotidiano e, possivelmente, re-apresentado nos hábitos e costumes das juventudes brasileiras, sendo aqui destacados, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Pensar as juventudes urbanas em seu movimento é procurar um momento que nos fogue a cada passo de nossa caminhada sinuosa, na qual experimentamos o mistério da vida. Certo re-encontro com nossa identidade, nossa prática, nossa existência. A fragilidade em tais tentativas, de se apreender um fenômeno cultural em sua dinâmica social, é por nós apresentada em capítulo midiático (VI), que compomos ao estudo, em DVD anexo. Realizado enquanto exercício de campo em pesquisa, no âmbito da disciplina de audiovisual, sob a orientação preciosa da Prof. Dra. Cornelia Eckert, no qual três momentos das corporeidades imaginadas das juventudes são captados pelas lentes objetivas que, igualmente, constroem magicamente *Malhação*.

Dizem que a palavra saudade existe somente na língua portuguesa. Porém, a política, as relações sócio-econômicas, a cultura, as juventudes, ao menos ocidentalmente, coexistem com significados expressivos nas diferentes realidades. Talvez a lembrança para os estudantes ingleses ou franceses e suas revoluções, a nostalgia para os de língua espanhola, enfim, uma memória coletiva positiva que marca relacionalmente nossas atividades, nos revele percepções juvenis que remontam a um possível “tempo perdido”, o qual é resgatado enquanto linguagem para dar vazão à existência deste “tempo real mitificado”.

O que permanece do encontro da minha juventude com essas novas juventudes, estando eu imerso noutras juventudes (universitárias), para “além do bem e do mal”, é o retrato de um movimento, dinâmica própria das relações humanas, certo ponto entre *déjà vécu* (o já vivido) e *déjà senti* (o já sentido), em meio ao *Tempo e a Cidade* (ECKERT e ROCHA, 2005). Situação essa que também se percebe no folhetim de que se ocupa nossa “aventura sociológica”. Esta construção relaciona aos jovens, possivelmente, padrões oficiais de

conduta, certo *habitus*³ de sucesso ou não na sociedade, sem medir tal ordem discursiva⁴ em seu alcance cultural, por vezes, nas diferentes realidades interpretativas juvenis em que é consumida.



Fig.2 – A força dos romances televisivos juvenis da TV na América Latina
Fonte: Google Imagens

Os romances televisivos juvenis são realidade em diversos países, com ênfase de consumo ideal, como é caso do México, da Argentina, do Brasil, dentre outros. A cada momento em que a lente cruza subjetividades, objetivos são alçados em uma espiral de consumo que permeia as mais distintas camadas da sociedade. As possibilidades das relações humanas se diferenciarem culturalmente em grupos de consumo ou constituições identitárias perfaz uma qualidade que merece nossa observação e estudo. Seus sentidos e apropriações são múltiplos, suas interpretações variadas estão articuladas em uma cadeia de significados que informa indivíduos e coletivos. Nas juventudes, estes padrões aprofundam a desigualdade, na medida em que seu estereótipo romanceado de trajetória de vida incide em seus projetos futuros. O nosso estudo suscita novas atenções às relações humanas e os processos comunicacionais em que se insere, via consumo ideal, pretendendo esclarecer, em parte, tal rede cultural articulada de laços sociais [re] produtores dos dilemas juvenis, questão social evidente, a qual se apresenta geracionalmente.

³ Simbolicamente enunciado por Pierre Bourdieu em sua obra *A Distinção* (2008).

⁴ Significado apreendido por Michel Foucault em seu pronunciamento *A Ordem do Discurso* (1971).

CAPÍTULO I – MALHAÇÃO, NOSSO OBJETO DE RECEPÇÃO

“No tempo em que a maçã foi inventada
antes da pólvora, da roda e do jornal
a mulher passou a ser culpada
pelos deslizes do pecado original.
guardiã de todas as virtudes
santas e megeras, pecadoras e donzelas
filhas de Maria
ou deusas lá de Hollywood”⁵

A construção dos personagens de Malhação começa pela sua história. Em 1995 surge como uma academia de ginástica, que deu nome ao programa. Tratando temas como preconceito, virgindade, prevenção à Aids, uso de anabolizantes e gravidez na adolescência, a telenovela tinha um formato no qual um casal – um menino e uma menina, disputavam atenções em situações dramáticas e tragicômicas junto a outros personagens juvenis e adultos (minoria no folhetim).

Segundo a página oficial do programa⁶, a Malhação é “campeã em merchandising social”, cerca de 40% do total na RGT. Mais de 150 atores e técnicos preparam e trabalham para colocar os seus 30 minutos que são apresentados nas tardes de segunda-feira à sexta-feira, às 17h30min.

Em 1998 ela se transforma em *malhacao.com.br*⁷, formando um programa ao vivo e interativo, em que “alguns jovens” compartilhavam seus itinerários e percursos na urbanidade em que viviam suas experimentações. A linha dos casais continua e os atores principais ainda são de idades avançadas – reclamação que nosso grupo de informantes exibia frequentemente do romance em anos anteriores (dado que simboliza, em parte, a identificação geracional).

Em 1999 a academia dá lugar a uma escola, o “Colégio Múltipla Escolha”, começando uma nova fase, na qual os cuidados com a “nova onda” chamada responsabilidade social seriam explorados centralmente nos temas juvenis. Um menino novamente é disputado, por duas amigas de infância e o cenário escolar ganha um bar, o *Guacamole*, que mais tarde mudaria seu nome para *Gigabyte*, vislumbrado nas novidades possibilitadas pela tecnologia da informação.

A novidade em 2000 é que dois casais são protagonistas da telenovela e, como noutras produções da RGT, os casamentos dos jovens acontecem em ritmo de festa, sinalizando o mundo mágico do *happy end*. Em 2001, coincidentemente aos grandes temas nacionais que

⁵ Canção ‘A Mulher Brasileira’, de autoria da cantora Maria Bethânia.

⁶ Para saber mais acesse: <http://malhacao.globo.com>

⁷ Antecipando o que hoje conhecemos como “Comunidade Virtual” ou “Cibercultura”.

surgiriam⁸, o tema central é que o pai dos protagonistas, agora três irmãos, está envolvido em processos de corrupção. Em 2002 o tema seria o erro médico. Sem maiores alterações, apenas o papel da “vilã” acentua-se na disputa pelo protagonista.

Em 2003 o amor é novamente o grande tema. Em 2004 surge a “luta de classes”, os protagonistas são pobres e ricos em disputas judiciais e a justiça social é tema. Em 2005 a figura clássica da “vilã” é deixada de lado e temos três protagonistas envolvidos em um triângulo amoroso que resulta em gravidez indesejada. No ano de 2006 uma turma de *skatistas* ocupa a centralidade, temas como filiação e paternidade são tratados.

Na temporada de 2007, três mulheres ocupam a centralidade do romance televisivo. Com trajetórias e objetivos diferentes, elas “disputam” novamente o mocinho da história. Chegamos finalmente à temporada 2008, que acompanhamos junto ao grupo de jovens do ISL. Abaixo a reprodução do primeiro capítulo⁹ do romance televisivo que auditamos neste estudo, que enuncia os principais personagens que compõem a trama:

Gustavo em perigo! Angelina, sem querer, esbarra em Débora. Débora humilha a jovem e faz com que a supervisora do Hotel repreenda Angelina. Conceição lamenta que Angelina tenha ido trabalhar durante as férias. Gustavo e Joaquim param na estrada para conhecer uma aldeia indígena. Débora humilha uma outra funcionária. Angelina interfere e repreende a atitude de Débora. Félix acaba com a confusão. Tiago leva Adriano para o casamento de Feliz no hotel, para se recuperar do fim do namoro com Duba. Débora não se conforma com o casamento de seu pai Félix e Béatrice. Joaquim compra um colar na aldeia para Gustavo presentear sua próxima namorada. Béatrice, carente em seu quarto, pede conselhos a Angelina, que acaba de conhecer, sobre que brinco usar. Angelina empresta uma medalha para Béatrice ter sorte no casamento. Angelina e Gustavo chamam a atenção um do outro. Conceição descobre que seu bairro será interditado pela defesa civil. Fernandinho é carregado pelos colegas para um passeio de barco contra sua vontade. Gustavo o defende de Andréas e os dois se enfrentam. Gustavo bate com a cabeça e cai no mar. Os amigos que estão na lancha não percebem o acidente. Da praia, Angelina vê que Gustavo corre perigo e vai ajudá-lo. Andréas vê tudo de longe. Gustavo desmaia no colo de Angelina na praia.

A “mocinha” do folhetim televisivo chama-se “Angelina”, adotada, tem como adjetivos o “pragmatismo e a responsabilidade”, diferenciais em sua idade. Sua personagem encontra, ainda, a qualidade da “humildade” e se reivindica “uma batalhadora”. Apaixonada

⁸ Para saber mais acesse: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/corruptao_brasil/index.html

⁹ Fonte: Site Oficial RGT – em 15/10/2007.

por Gustavo disputa seu amor com sua irmã por parte de pai, Débora. Angelina “engravida” de outro personagem, Bruno, nascendo “Gustavinho”.

A “vilã” de nosso romance é Débora, filha de Félix Rios (rico empresário), sua mãe faleceu quando era uma criança. Em tons de “arrogância” fundamenta seu enredo, sendo amiga de infância de Gustavo e apaixonada por ele *ad eternum*. Constitui-se como “antagonista” de Angelina, sua irmã formalizada enquanto “bastarda”.

O centro das atenções: Gustavo é filho de Joaquim e Daisy, irmão de Antonieta. Gustavo é “do tipo que se dá bem em tudo”, seu personagem é “inteligente, gente boa e esportista nato”, sendo o mesmo interessado em arte popular, cultura brasileira, possuindo, ainda, um “olhar artístico sobre tudo o que o cerca”. Apaixona-se “verdadeiramente” por Angelina. Ele disputa com Bruno a atenção e o amor de Angelina, possibilitando a esse uma relação de interesse junto a Débora.



Fig.3 – “Festa à Fantasia” em episódio da Malhação 2008 – Fonte: Site RGT

Bruno, diferentemente de Débora, não é considerado um “vilão”, mas sim, “tímido e revoltado” – pois é aluno oriundo de outra escola, passando a integrar a “turma” da Múltipla Escolha. Adotado, chegou a morar em “dormitório”, sendo um “rebelde, mas de bom coração”, depois de um acidente grave “fica paraplégico”. Aliado de Débora tenciona reconquistar “a mocinha” usando “Tavinho” (filho de Angelina) para pressionar Angelina a retornar para ele.

O que podemos perceber na constituição dos personagens é que, historicamente, localiza-se um específico lugar do feminino e do masculino, com variações de formato, mas sem mudanças maiores no conteúdo sob o prisma de gênero.

A “vilã” é o mote do romance televisivo e tem espaço ideal na cultura do consumo – temática recorrente nas narrativas dos jovens do ISL – verificado em nosso estudo como articulado em um padrão global, o qual sistematiza uma opressão específica. Sendo essa imbricada à institucionalização de um mercado efetivo do corpóreo, visível em sua representação simbólica sugerida pela telenovela *Malhação* aos seus consumidores.



Fig.4 – Jovens Informantes em “Recreio à Fantasia 2008” – Fonte: Acervo Pesquisa

Participo desde 2001 de grupos que focam a temática da(s) juventude(s), alguns desses, essencialmente formados por jovens homens e mulheres, os quais se movimentam no sentido de colaborar para a resolução de problemas sociais emergentes. Tal convivência me proporcionou acesso a diferentes espaços e pontos-de-vista, possibilitando-me uma relativização das convergências e divergências individuais e coletivas de tais agrupamentos.

No que se refere a suas práticas comunicacionais e linguagens corporificadas admitidas, enquanto juventudes “engajadas” – essas entendidas como meio para a constituição alternativa de políticas públicas de, para e com a participação das juventudes – consumos variados e estilos de vida o são desenvolvidos, individual e coletivamente. Penso no contraste que poderia ser apreendido enquanto *protagonismo juvenil* nesse estudo, desde as narrativas de meus jovens informantes em suas relações com a telenovela *Malhação* e os muitos personagens que a povoam imagetivamente. As diferentes juventudes se movimentam, por vezes, articuladas na construção identitária de um consumo específico, entendido como valor ideal que realiza e re-significa sua identidade, mesmo quando indivíduos inseridos em um esquema imaginário qualquer.

CAPÍTULO II – NOS MARCOS DA DESIGUALDADE JUVENIL, O REFERENCIAL ADOTADO

“Nas duas faces de Eva
a bela e a fera
um certo sorriso de quem nada quer
sexo frágil
não foge à luta
e nem só de cama vive a mulher
por isso não provoque
é cor de rosa choque.”¹⁰

De pronto, tornam-se necessárias algumas definições e referenciais teóricos que orientaram nosso estudo. Cabe afastar conceitos não abordados, por não ser objeto direto desta monografia. Aqui não foi realizada nenhuma análise retrospectiva dos meios de comunicação de massa, nem uma elaboração aprofundada sobre a indústria cultural e o capitalismo, tampouco se tem a pretensão de realizar uma crítica dos mesmos. Evidentemente cumpre reconhecer os limites de campo na pesquisa, assim como as armadilhas que concorrem no caminho das temáticas exploradas de maneira a tentar construir uma verdade universal e absoluta.

Não foi nossa pretensão, ao mesmo tempo, reconstituir os trabalhos específicos na área de recepção da imagem, anteriormente realizados por Ondina Leal (1986), Silvia Borelli (2002), Esther Hambúrguer (2005) e Nara Magalhães (2008). Apenas buscou-se apoio em sua leitura, pontualmente, no sentido de confrontar algumas perspectivas no que tange à cultura do consumo como estilo de vida, de consequências no tratamento simbólico do corpo como objeto passível de instituir-se como mercado.

De outra forma, assumiu-se o tratamento conceitual e teórico dispensado à corporeidade¹¹ – a maneira como reconhecemos e utilizamos o corpo como instrumento relacional com o mundo – dado pelos autores que a entendem como absorvida pelo estilo de vida, já identificado nos trabalhos de Gilberto Velho (1999) e Miriam Goldenberg (2007). Esses autores refletem sobre o papel central que o corpo está ocupando na sociedade brasileira nas últimas décadas, em que a globalização e o individualismo centralizam o modo de vida, apontando para as singularidades de uma cultura onde o corpo é um importante capital simbólico, econômico e social.

Velho e Goldenberg possibilitam construir pontes de quem são os personagens desde a re-constituição de sua cultura de consumo, na qual surge um *ethos* jovem, geracional, de

¹⁰ Canção “Rosa – choque”, de autoria da cantora Rita Lee.

¹¹ Não se aplicando diretamente as proposições de Thomas Csordas (2008, p. 101), mas dando acordo as suas considerações simbólicas e interpretativas da corporeidade enquanto possível paradigma à Antropologia Social.

gênero, resgatado através da recomposição de suas práticas de consumo, nas quais é possível perceber algumas de suas representações (linguagem, vestimenta, o lugar das coisas) do que é consumido na mídia, pois a prática de assistir é uma prática de consumo evidente, ou seja, um ritual marcado espacial e temporalmente.

A corporeidade relatada de alguma forma se organiza imagetivamente, pois o imagético é composto por estruturas abstratas e genéricas que provêm do dinamismo das imagens, caracterizadas pela observação humana. Alguns aspectos próprios às atividades humanas, como a recepção de imagem, no caso dos telespectadores de telenovelas, envolvem dimensões, percursos, conteúdos, partes e todo, relações essas que se organizam individual e coletivamente, com performances específicas na caracterização juvenil.

Na linha da teoria do consumo, em sua imbricada ligação entre a face local e a global, o presente estudo associa-se à Mary Douglas (2004) e Ruben Oliven (2006), quando os mesmos facilitam a compreensão das questões sociais, essas identificadas com os processos de composição da cultura de consumo como uma ideal realização do ter que ocupa o lugar espacial no tempo antes definido na identidade do ser.

O corpo, portanto, empresta formato a ações que comportam sentido e direções múltiplas e, nas juventudes, as relações possuem motivações variadas em suas distintas composições identitárias. Entretanto, o consumo televisivo modifica tais relações não linearmente. As subjetividades são alçadas em um complexo sistema de trocas simbólicas no qual a pertença é alcançada por meio da inserção socioeconômica em um ciclo ideal de consumo global.

Os romances televisivos emprestam sua imagem a um quadro em que a relação humana se inscreve em um cenário no qual a subalternidade social é potencializada em papéis sociais pré-estabelecidos, tendo como possível resultado uma reprodução cultural das mazelas juvenis, a qual se dá geracionalmente pela efetiva relação interativa de consumo. Falando sobre a relação entre projetos individuais e sociais nas sociedades complexas, Gilberto Velho (1999, p. 26) observa que:

A idéia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual puro, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas.

Quando as juventudes interagem em sociedade, a sua sociabilidade se realiza, podendo se identificar com os imagéticos compartilhados com os meios de maior influência e contato na sua caracterização identitária. Como acontece nas relações de consumo ideal. Suas considerações acompanham seu potencial de ter em determinada sociedade e seu projeto de vida perpassa as condições das suas relações humanas de coexistência, como no caso das relações de gênero.

Miriam Goldenberg (2007, p. 115) nos mostra que, no Brasil, o desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntos. Tal fenômeno se verifica quando:

De um lado, o corpo da brasileira se emancipou amplamente de suas antigas servidões e de outro, encontra-se, atualmente, submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que antigamente.

Vive-se, portanto, para Goldenberg (2007, p. 123), um “equilíbrio de antagonismos”: um dos momentos de maior independência e liberdade femininas seria também aquele em que um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência se impõe à mulher brasileira.

Em seu sentido televisivo, a produção de um romance juvenil que perfaz mais de dez anos em rede nacional – amplamente consumido e “consagrado” nas múltiplas dimensões das juventudes, realiza um perfil de identidade conflitante, que ali se condiciona e prevalece em um ideário desigual e, ao mesmo tempo, integrador¹².

Com Ruben Oliven (2006) percebe-se que a integração das diferentes partes em um todo unificado cria a necessidade da produção de uma identidade, ou seja, de uma conformação cultural circunscrita a um recorte específico. Sendo o todo um ideal de consumo tipificado, embutido na liberdade individual, a parte que se apresenta na recepção ideal de um determinado valor, que imprime um ritmo unificado pela sistemática global, reifica as desigualdades sociais na construção identitária das juventudes.

A sua identificação com ideais individualistas e não coletivos ou associativos proporciona, geracionalmente, o aprofundamento das questões sociais juvenis, por efeito de sua relação se dar ritualisticamente desde a juventude até fase adulta, mitificando papéis de homens e mulheres no devir.

¹² Contradição típica vislumbrada por Walter Benjamin (1994) como referencial emancipador e potencial crítico, a qual resgataria a agência dos sujeitos no processo técnico-social (estrutural) qualificado pelos colegas Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) como *Indústria Cultural*; Benjamin relativizaria tal conceituação proposta pela Escola de Frankfurt, cenário teórico que o abrigava intelectualmente, apesar de independência.

No final da década de setenta, Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) publicaram *O Mundo dos Bens*, instigando um novo olhar sobre as relações de consumo (relações de sujeitos com os objetos, e, sobretudo de sujeitos entre si). Surge, assim, uma linha da pesquisa social que vai compreender o consumo como fenômeno chave para a análise de relações sociais e sistemas simbólicos.

Os bens de consumo seriam elos de comunicação de categorias culturais e valores sociais. Eles tornam tangíveis estruturas sociais que são necessárias para tornar visíveis e estáveis tais categorias. As escolhas de consumo refletem, segundo os autores, julgamentos morais e valorativos culturalmente dados, pois carregam significados sociais de grande importância, dizendo algo sobre o sujeito, sua família, sua cidade, sua rede de relações.

O ato de consumir seria, portanto, um processo no qual todas as categorias sociais estariam sendo continuamente definidas, afirmadas ou redefinidas. Os bens são, em qualquer sociedade, francamente necessários à subsistência, tais como a comida, o abrigo e outras funções do tipo utilitárias. No entanto, eles também produzem e ajudam a manter as relações sociais. Esse duplo papel prove subsistência e desenha as linhas das relações entre indivíduos e grupos.

Para compreender as escolhas de consumo seria necessário, portanto, analisar os processos sociais como um todo, não apenas o consumo isolado tido como ato individual. Ir além do uso prático dos bens seria, para Douglas e Isherwood, perceber as escolhas como formas de classificação, e o consumo como um ato ritual, ou seja, coletivizado.

A ritualística dos jovens informantes ao consumir a telenovela *Malhação* provoca a [re] pensar suas possibilidades de [re] interpretação e [re] significação, porquanto imersos nessa realidade imagética e ao mesmo tempo presumidamente real, em que os papéis e o lugar das coisas encontram um sentido multidimensional, subjetivo, fortalecendo relações humanas em que a desigualdade se [re] produz geracionalmente.

Tomar enquanto estudo um quadro no qual os personagens, atores e informantes circulam entre a aparência e a essência, do que temos dado como “realidade”, é um esforço de cruzar olhares para efetivar um estranhamento qualquer frente a mundos em constante transformação. As identificações são, por excelência, passageiras – portanto, intrigantes! – mas a pertença talvez possa ser localizada em pequenos vãos que a liberdade presente no imaginário narrativo nos revela.

CAPÍTULO III – O ESTADO DA ARTE E A IDENTIDADE NAS ARTES JUVENIS

“Não me sortearam
a garota do Fantástico
não me subornaram
será que é meu fim?
ver TV a cores
na taba de um índio
programada
prá só dizer sim, sim.”¹³

As juventudes compõem um grupo seletivo e muito especial, pois é apenas na sociedade ocidental que tal razão societária subsiste. As mais diversas sociedades têm um indivíduo na infância e outro posterior, diferente, o adulto. Aqui a condição difere, eis que existem várias classes e identificações na composição social das complexas organizações humanas de coexistência material. Elas surgiriam como as instituições, no devir.

O seu conceito, a sua definição ou explicitação são disputadas na sociedade intelectualizada, porque, a partir de uma nomeação ou identificação societária toda uma gama de processos é aplicada, negativos ou positivos. Com a juventude não seria diferente, e a procura de uma definição a localiza, por vezes, na margem da construção histórica e social de sua geração, excluindo-a em seu próprio processo, política, econômica e culturalmente.

Juventudes se associam e se dissociam geracionalmente na história das nações. No caso do Brasil, a situação se repete. Por vezes sinônimo de rebeldia, de transição ou passagem, ser jovem e brasileiro é uma relação local ou global? Alguns autores vão considerar alguns campos ou temas para tentar nomear tal ciclo de idades em que mudanças são uma constante; e a permanência, mera efemeridade do ser jovem.

Segundo Regina Novaes (2007, p. 7) “hoje é lugar comum falar em ‘juventudes’, no plural”. Relacionando tal fato às distâncias sociais evidentes entre o *locus* jovem, suas desigualdades e diferentes composições nas variadas realidades, a cientista social nos fala do jovem visto erroneamente como vivendo uma “moratória social, um tempo de preparação”.

Mesmo que na sociedade moderna a juventude seja percebida como momento delineador da identidade futura do adulto cidadão, ainda são enfrentadas dificuldades em proporcionar uma condição favorável a tal processo, pela dificuldade de se apreender o fenômeno que é um *ethos* jovem em sua totalidade geracional.

No perfil do jovem brasileiro apresentado por Tommasi, Nogueira e Corrochano (2007) elencam-se vários fatores para compor tal identidade: mundo do trabalho, educação,

¹³ Letra da música “Brasil” de Cazuza (1958-1990).

religião, violência, dentre outros. Os dados, na compreensão dos autores, dão formato ao fenômeno das juventudes no Brasil, formalizando a ideia do que seria *ser* jovem no Brasil frente a um mundo em constante transformação.

Em nosso estudo, quando falamos em gênero, busca-se abordar “a construção social das identidades feminina e masculina e a relação social que se estabelece entre mulheres e homens, entre mulheres entre si e homens entre si”, conforme a colaboração de Nalu Faria e Miriam Nobre (2003, p. 17). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE em 2005, as mulheres representam cerca de 51% da população brasileira, entre os jovens entre 15 e 24 anos (35 milhões) elas representam 50%.

Para Julia Zanetti e Patrícia Lânes (2007, p. 36) “nas últimas décadas as mulheres têm avançado na conquista de espaços de poder”, e essa nova realidade se apresenta distintamente para as diferentes juventudes. Efeitos dos sentidos das classes sociais, da raça, do local de moradia ou até região. No entanto, tal fenômeno é uma das muitas consequências dos movimentos feministas surgidos há mais de quarenta anos, de luta pelo reconhecimento e por uma igualdade nas relações humanas em sociedade. Isso significa que não existem mais o patriarcado e a desigualdade entre homens e mulheres? As autoras entendem que não, apenas acontece nesse instante uma reorientação da disputa social de papéis e lugares.

Conforme Mattelart (1999) as construções imagéticas atravessam a sociedade nas mais diferentes relações sociais. As juventudes não escapam de tal lógica, em que as produções multifacetadas da informação procuram estabelecer redes de consumo ideal, de lugares, de papéis e também das formulações possíveis em que a individualidade torna-se a faceta comum na “mesa de negociação” das identidades juvenis em franca expansão organizacional e, simultaneamente, em permanente transformação societária.

Para Miriam Abramovay e Marisa Feffermann (2007, p. 46), “juventude e sociedade vivem dias violentos na busca por identidade”. A naturalização de personagens em que o cenário se ocupa de localizar quem é “bom” e quem é “mau” transporta as juventudes para um imagético ideal, que não se conforma em suas estruturas sociais evidentemente subalternas, ao menos em sua ampla maioria. Destacam estas autoras (2007, p. 49) que:

Para os jovens da periferia, crescer é uma empreitada que ele deve enfrentar sozinho, um salto no escuro, geralmente sem ajuda da sociedade.

Solange dos Santos Rodrigues (2007, p. 64) provoca-nos, questionando-se “como os jovens deste início de século assumem e reelaboram significados, rituais e princípios

oferecidos pelos diferentes sistemas religiosos” – o que poderíamos traduzir como uma recomposição imagética de sua vivência e experimentação simbólica da realidade, pelo efeito dos mesmos compartilharem, em certo sentido, de expectativas de vida fundamentadas em processos comunicacionais, como ocorre na audiência televisiva, no acesso a internet, na manutenção de relações através do celular.

A digitalização da sociabilidade nas juventudes é premissa de uma geração que nasce tendo a(s) tecnologia(s) como uma cultura articuladora de possibilidades *ritualísticas*, entretanto, a televisão perde espaço, e, ainda assim, os folhetins de novelas permanecem na rede mundial de computadores (acessos diários à página Malhação são contabilizados, no qual são apresentados resumos dos episódios). O espaço, agora dividido temporalmente nas amarras das páginas de relacionamento (comunidades da Malhação e páginas são facilmente localizadas na internet), facilita a composição imagética, e reorganiza o corpo, que corporifica o virtual como lugar do ser jovem, qualidade de um *ethos* local, que, enquanto parte, é globalmente integrado a um mundo mágico e fantástico.

Paulatinamente, o desenvolver de uma relação qualquer será permeada por diálogos que possibilitam uma sofisticação da re-construção ideal dos atores imbricados em suas teias de relacionamentos em meio aos seus grupos de interesse e sociabilidade. Suas ações e pensamentos estão articulados de uma forma relativa no interior de suas vivências e experimentações da realidade. E o que somos, enquanto pesquisadores, senão mais uma de tais possibilidades?

Entendo que, nada mais é a palavra, a fala, o som e a imagem – e suas respectivas artes – senão um pensamento dos quais se realiza a ação. Tal senão se verifica na oralidade urbana comum às pessoas que o diz:

“O que é o amor? – Uma flor ‘roxa’ que nasce no coração do ‘trouxa’!”

Não é mesmo incrível tal ciência do senso de que o “amor” é uma linguagem metafísica (um tipo ao menos de), mas acima de tudo, uma poética, uma re-composição imagética do que é a realidade em si (enquanto essência imbricada à aparência) para tal pessoa. Observo, para tanto, que as múltiplas identidades em re-construção e re-significação das juventudes, preenchidas por seus sentidos comuns, associativos e solidários – a ser objetivação então pretendida em nosso encontro com a subjetividade do outro – em contraste à nossa relação com tal realidade compartilhada, seja, neste estudo, um principal intento à compreensão.

CAPÍTULO IV – O DESENHO DA INVESTIGAÇÃO SOCIAL

“Ele queria sair para ver o mar
e as coisas que ele via na Televisão
juntou dinheiro para poder viajar
de escolha própria, escolheu a solidão.”¹⁴

O procedimento adotado na pesquisa buscou privilegiar o exercício da alteridade junto aos jovens informantes que compunham o universo investigado, conjuntamente ao objeto de recepção, arbitrariamente definido nos moldes da telenovela *Malhação*. A construção do objeto, sua exploração, análise e explicitação prescindiam a composição de uma metodologia que permitisse constituir dados qualitativos e quantitativos, devido às especificidades do tema escolhido – ainda que nossa escolha na análise privilegie os dados qualitativos.

A fim de responder nosso problema central, das imbricações entre o imaginário e a corporeidade das juventudes, foram traçados objetivos que evidenciavam a escolha de variados instrumentos inerentes aos métodos e correspondentes técnicas em pesquisa, cada qual com sua finalidade, devido aos aportes teóricos que delineavam a questão problematizada. Os dados que compõem nossa análise no presente estudo foram extraídos de fontes primárias e secundárias.

Primariamente, com vistas à coleta de dados principal, constituímos um grupo de jovens oriundos da classe média urbana, os quais compartilhavam geracionalmente um estilo de vida, no qual se verificou um *ethos* jovem, mensurável em sua cultura de consumo através de sua(s) prática(s) de assistir telenovelas.

O grupo, fonte primária juntamente ao objeto de pesquisa, possuía características comuns, tais como estudar na mesma escola, morar na mesma região, ser telespectador da telenovela *Malhação*, não ter atingido mais que 18 anos, e se localizar na faixa de rendimentos econômico da classe média brasileira, indicador constituído pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA).

O nosso trabalho de campo perfez um período de seis meses, dos quais, quatro na companhia dos jovens informantes e dois em conversas pela internet, findando em janeiro como final da temporada auditada. A ilustração da pesquisa continha o recorte de gênero, caracterizado na participação de jovens mulheres (2) e homens (2) – apesar de nossas “rodas” de conversa chegar a quinze presenças (15) distintas, por conta de reunirmos em local aberto

¹⁴ Extrato da música “Faroeste Caboclo” da banda brasileira Legião Urbana.

no interior da escola. Experimentar um mesmo tempo e espaço tornava-se importante para configurar a geracionalidade identitária do grupo.

O período de “audiência coletiva” da telenovela pelo grupo foi o intervalo entre o dia vinte e dois de setembro de 2008 até o dia vinte e dois de outubro do mesmo ano. Em campo foram realizadas entrevistas não diretivas com roteiro (Apêndice A), gravadas em sistemas audiovisuais, de seus relatos (semanais) dos capítulos da novela *Malhação*, fotografados¹⁵ os espaços de convivência dos mesmos, em que consumiam a telenovela, construída uma etnografia audiovisual (Apêndice B) dos encontros realizados e aplicados questionários semi-estruturados para captar traços mais gerais de seu perfil (Apêndice C).

Justifica-se o uso variado de instrumentos e ferramentas já descritos pela necessidade de compor suas trajetórias, histórias de vida, hábitos ou práticas de consumo ideal que delimitavam estilos de vida, como estes vivenciam a sociedade complexa, pois múltiplas são as variáveis que perpassam sua existência, individual e coletivamente.

A observação participante nos proporcionou um encontro com nossos não-saberes, ao acompanhar diretamente¹⁶ vinte capítulos dessa dramaturgia para compor a etnografia dos “personagens”, através de uma análise descritiva dos atores sociais nela envolvidos, lembrando as preciosas lições de Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 31), quando esse diz que:

[...] se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar.

Os limites de pronto se apresentaram em campo. As entrevistas coletivas tinham um caráter não focal, mas a sobreposição de alguns dos jovens pela fala era inevitável. Tentou-se, então, compor extratos individuais de suas narrativas. Entretanto, o tempo de campo perscrutado – o momento específico de conclusão do ensino médio e a preparação ao vestibular, por parte de alguns dos informantes, dificultaram nossos encontros.

Tal situação faz pensar em realizar tais processos, em outra oportunidade, divididos em dois momentos, sendo um destes no intervalo das férias escolares, o que facilitaria a

¹⁵ Sobre o local em que assistiam, como se compunha o lugar reservado à TV nas suas moradias, realizamos uma “escuta” gravada em áudio; a exceção do personagem alfa, Leonardo, que mantivemos registro em vídeo.

¹⁶ Assisti ao início da temporada na internet, pois, os capítulos e seus resumos são disponibilizados pela RGT na página oficial da telenovela (inclusive no formato “fotonovela”), na TV acompanhei a “trama” de agosto até seu final, em janeiro de 2009.

constituição de seus percursos e itinerários urbanos de consumo ideal para além do cenário televisivo, agregando dados.

Outro senão na pesquisa – mas que evidencia uma questão de gênero¹⁷ – foi o fato de abordar a audiência no local em que os jovens consumiam *Malhação*. A proposta de assistir um capítulo junto com cada participante, em sua casa, não foi possibilitada inicialmente, eis que requeria negociação prévia e constante com os pais. E, apenas com os meninos a mesma se efetivou. Já a escola cedeu o espaço tranquilamente – não sem antes sabatinar o pesquisador, é claro, porquanto da nossa presença e intenções com o estudo junto aos jovens.

O grau de precisão dos dados, portanto, de certa forma, foi prejudicado, na medida em que as relações eram, por vezes, instáveis e atravessam crises de relacionamento¹⁸, bem como pela audiência conjunta se dar somente com os jovens homens.

Secundariamente, foram analisados, ainda, para corroborar o presente estudo, documentos no site oficial da RGT para compreender a historicidade das temporadas da *Malhação* e suas aparentes permutas no formato e conteúdo do folhetim. Recorreu-se também a dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que auxiliaram na averiguação e confirmação da subalternidade juvenil como transversal em algumas questões, como na de classe, no quesito gênero, dentre outras que, culturalmente, estavam imbricadas na constituição de um possível *ethos* jovem percebido no consumo totalizante da telenovela *Malhação*.

A construção dos personagens envolve mais que uma aproximação e reconhecimento das semelhanças e (ou) diferenças em campo. Exercício de alteridade, o complementar da realidade do outro requer um afastamento de nossas noções primeiras, evidenciando uma acuidade maior na observação e trato junto aos jovens informantes.

Minha experiência e vivências, agora modificadas pelo contato na relação com o grupo de jovens do ISL, possibilitaram-me uma primavera distinta, estranha, que se desenvolveu diferente às tantas outras estações passadas. Se for chegada ou é partida? Ainda não sei. Penso ser tal processo de investigação e seus pertinentes constrangimentos, momentos de aprendizagem e conhecimento, de *outro eu* que surge, no relacionamento provocado e nas perspectivas juvenis desses personagens que emergem aos meus sentidos e razões.

¹⁷ Ao propor audiência com as meninas, foi “solicitado” que se fizesse na presença de uma professora, o que com os meninos não foi sugerido, revelando em certo senso, a medida “protetiva” do preconceito. As meninas, quando solicitadas, tentaram negociar com os pais, sem obterem sucesso para audiência presencial.

¹⁸ Em uma delas Leonardo simplesmente “cancelou” o encontro, justificando que as pessoas não poderiam estar presentes; após o fato ele confidencia que havia discutido com as meninas por uma “fofoca na escola”

CAPÍTULO V – NO GRANDE PALCO DA VIDA: APRESENTANDO OS PERSONAGENS!

“Você se vê
por trás de um personagem
ele não cabe em você
não leve a mal te entender”¹⁹

Em uma das aventuras narradas por Julio Verne (2008), ele nos descreve uma Viagem ao Centro da Terra. Do ponto de partida à chegada ao núcleo do planeta, os personagens passam por diversos desafios, atravessando (e construindo-se) camada por camada. A viagem, no entanto, começou muito tempo antes do dia da partida. Teve início entre mapas, cálculos e estudos teóricos. Entretanto, passou a ganhar concretude na formulação de um imaginário comum e, essencialmente, assumiu vestes ideais a partir do ingresso dos companheiros de jornada em seu mundo fantástico. A exemplo da história contada por Verne, múltiplas rupturas e articulações diferenciadas se fizeram presentes na minha inserção no campo das juventudes, em meio as suas identidades e linguagens.

Meu trabalho de campo acontece na cidade de Porto Alegre e seria um reducionismo imperdoável apresentá-la, assim, tão somente, como a capital do Estado do Rio Grande do Sul (RS). O ponto de partida foi minha moradia, na parte histórica e mais antiga da cidade, o bairro Centro, na Rua Duque de Caxias, quase em frente ao Palácio Piratini (sede do poder Executivo) e ao lado do Palácio Farroupilha (sede do poder Legislativo) – gosto de pensar que habito nas esquinas do poder.

O local de pertença dos jovens informantes, no qual realizamos a maior parte das entrevistas é o Instituto Santa Luzia (ISL) – conforme a irmã responsável – ali estabelecido tradicionalmente há quase setenta anos na comunidade. Escola essa que se localiza próxima ao Hipódromo do Cristal, o qual abriga a sociedade hípica (Jóquei Clube) dos gaúchos (sede de encontros da “elite”), na zona sul. Após os encontros dirigia-me para o campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos limites com o município de Viamão, onde assistia, antes das aulas, aos episódios da Malhação – no “Bar do Antônio”.

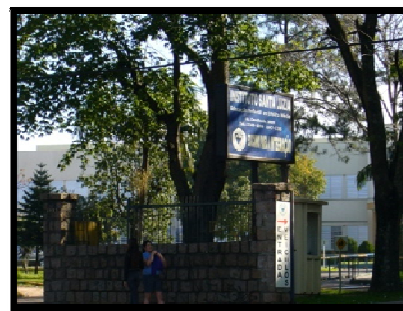


Fig. 5 – ISL – Fonte: Acervo Pesquisa

Sendo assim formatado meu deslocamento, as camadas da urbanicidade emergiam como os cenários das telenovelas, o núcleo e o *ethos* jovem dos personagens da “novela da vida real” se revelava, a cada novo capítulo e nos temas discutidos na exibição diária da

¹⁹ Letra da música “Personagem”, de Ana Carolina.

telenovela Malhação. Pouco a pouco, de traslado em traslado, de narrativa em narrativa, me transportava, por vários pedacinhos de um grande mosaico, tão diverso quanto as cores de uma aquarela, tão rico como o encontro perseverante das águas do Guaíba com o entardecer de um antigo Porto dos Casais²⁰.

A composição de cada personagem se estabelece na rede social em que estive inserido diretamente em 2008 e que ainda hoje prevalece, com reduzido contato (todos terminaram o ciclo escolar formando-se no ensino médio em 2008), conforme acompanho via internet através do site de relacionamentos chamado Orkut. Minha inserção se deu através da imagem. Havia sondado os locais próximos a minha residência, e chamava-me atenção o fato de nos mais variados serviços (bares, restaurantes, tinturarias, hotéis, locadoras, pontos de táxi, etc.) existir uma TV instalada de algum tipo, mesmo que fosse mínima como a de onze polegadas alocada em um posto de vigilância do porteiro de um prédio.

Pensava aquelas pessoas ali, em “latente espera” durante horas do dia, geralmente em pé, e com a companhia frequente da TV – a qual possibilitava certa comunicabilidade entre mundos, entre quem servia e quem era servido. Percebi que, em um destes locais, uma pessoa excepcionalmente jovem (a maior parte de trabalhadores em serviço no centro era composta por jovens adultos), um rapaz alto e magro, havia assumido o lugar de atendente na locadora de vídeo em que habitualmente locava filmes, a duas quadras de meu apartamento, na mesma rua.

Em um destes dias notei que o mesmo assistia a telenovela Malhação e, com o trato comercial da entrega de alguns filmes, no decorrer de seu atendimento, perguntei-lhe se acompanhava/consumia novelas, em seguida, se destas em especial a Malhação. Na sequência de suas afirmativas questionei-o sobre o seu nome e a possibilidade de colaborar junto a minha pesquisa sobre a mesma, no que se revelou nosso primeiro personagem: **Leonardo**.

O jovem Leonardo, nascido em setembro de 1991, morador da Vila Nova, na zona sul da cidade, estudava no chamado Instituto Santa Luzia desde a quinta série. Havia começado seu ofício de seis horas diárias na locadora de seu pai, no centro da cidade, há apenas um mês. Torcedor apaixonado do Grêmio Futebol Porto-Alegrense, sentimento talvez herdado de seu pai (igualmente um “tricolor”).

No rosto as marcas dos seus 16 anos e da primeira experiência de trabalho contínuo, contrastando seus olhos azuis com a face vermelha das incipientes acnes pueris. Assumindo francamente a audiência de telenovelas, demonstrava naturalidade ao apontar suas prediletas

²⁰ Porto dos Casais foi um dos primeiros nomes dado a cidade de Porto Alegre, em alusão à chegada, em 1752, dos primeiros casais vindos da Ilha dos Açores. Para saber mais: http://pt.wikipedia.org/wiki/porto_dos_casais.

na grade de programação da TV: A Favorita e Malhação (as duas veiculadas pela Rede Globo de Televisão). Junto a ele, em algumas entrevistas, o irmão mais novo, que o acompanha em determinadas atividades de interesse comum, o qual também assiste a Malhação.

Cabelo sempre organizado, em forma de topete e tratado com gel fixador, mantinha, ainda, um corte curto em alinhô militar. Associou-se a uma academia de ginástica próxima a escola, assim como de sua casa. Há um ano, tentava ganhar “forma e força” praticando musculação, pois entendia que necessitava “definir o seu corpo” – o qual considerava pouco desenvolvido. Seu itinerário perfazia o caminho do apartamento em que residia, inserido em um conjunto de blocos habitacionais de classe média, para a escola, depois à academia, e, desta, para a locadora. Morando com sua mãe, exibia em seu MSN, uma imagem junto (abraçado e sorridente) à mesma, a qual era técnica em enfermagem e trabalhava em uma clínica geriátrica da cidade.

Os pais haviam se separado há alguns anos. Seu pai constituiu um segundo casamento e, sua madrasta, trabalhava também na locadora, fato que, podemos observar, lhe constrangia e o irritava a ponto de referir-se a ela como “aquela mulher”. O trabalho na locadora era uma mudança no seu dia a dia, a partir da demissão da antiga funcionária por contenção de despesas. O convívio com esse novo relacionamento – o mundo do trabalho e, geograficamente, o centro da cidade – era dividido com a presença esporádica do seu pai na locadora, quando os dois se reuniam para falar sobre futebol.

Dizendo-se um “verdadeiro gaúcho” e “orgulhoso porto-alegrense”, afirmava não gostar de acordar cedo e que suas amizades e relacionamentos acompanhavam sua trajetória de vida no Condomínio Jardim Salomi, lugar em que mora desde o seu nascimento. Além do mundo das novelas, é fã do programa de rádio chamado Pretinho Básico, veiculado pelo Grupo RBS em sua emissora Atlântida.

Um ponto de “alívio”, conforme confidencia Leonardo, eram as festas com os amigos do condomínio, no bairro ou nas suas proximidades, opção que para mim se tornou muito clara como sendo pela “segurança”, eis que muitos de seus comentários iam ao sentido de que o centro lhe “preocupava”, pois tinha “muita gente estranha circulando”. Adepto em “dormir com a chuva”, dizia-se também um “envergonhado por outras pessoas”, quando embaraçado por amigos que se comportavam de forma a contrariar seus posicionamentos e atitudes em público.

O ano da pesquisa foi de eleição municipal para o executivo e legislativo, Leonardo fez campanha para vereador de um candidato “de esquerda” (inclusive através do programa de comunicação digital MSN), do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O candidato era

amigo seu do condomínio, e, tentando angariar votos, disse ouvir muitas declarações “direitistas” de pessoas próximas, as quais lhe surpreendia – seu candidato contabilizou 49 nove votos no pleito. Quanto aos projetos de vida, planeja tornar-se um “contador”, pretende cursar a faculdade de contabilidade, prestando vestibular em 2009 (não classificou na UFRGS, “não foi desta vez”); mesmo que contrariando seu pai, que entendia ser melhor o filho seguir a carreira militar, qualificando-a como “um bom futuro para pessoas pobres”.



Fig. 6 – “Léo” – Fonte: Acervo Pesquisa

Com Leonardo inicia nossa rede social de contatos no Instituto Santa Luzia. Ele exercia certa multiplicidade de relações na sua turma de terceiro ano, o que nos proporcionou ingressar nessa camada de juventudes formada por pessoas da classe média urbana de Porto Alegre. Questionamos sobre a possibilidade de trabalhar em grupo, com quatro pessoas, dois meninos e duas meninas, explicando que buscávamos equidade no quesito gênero em nosso estudo, se possível, colegas da escola. Prontamente nosso jovem informante apresentou algumas possibilidades, de duas meninas e um menino com os quais mantinha uma relação mais próxima.

Fui convidado a conhecer a zona sul e a escola Santa Luzia. Conforme relatado anteriormente, necessitava deslocar-me, e, o trajeto, era uma verdadeira viagem, pois do centro da cidade até a Avenida Cavallhada, na altura do número 3999 contabilizava quase uma hora de ônibus. Devido ao tempo de deslocamento, algumas vezes foi necessário fazer o trajeto de microônibus, reduzindo a jornada em uns vinte minutos, possibilitando o exercício de outros olhares acerca dos moradores daquela região.

No primeiro dia de encontro fui de ônibus na linha Restinga – Belém Velho, que sai logo após as 12h30min, da Avenida Borges de Medeiros, embaixo do viaduto que hoje substitui a antiga Rua do Arvoredo – conhecida pelos crimes acontecidos de mesmo nome, no coração da cidade sede dos primeiros Fóruns Sociais Mundiais. O público do coletivo urbano, definitivamente, era distinto ao da linha Agronomia – UFRGS, que utilizava para ir todos os dias da semana as aulas da faculdade de Ciências Sociais no campus do vale. Enquanto no meu cotidiano os estudantes são a maioria, independente o horário da linha, em minhas idas a zona sul com o “Bonde Restinga”, uma variedade de pessoas e transportes se realizavam.

Pessoas com compras variadas (até pequenos animais), muitas sacolas (de grandes lojas de departamentos), e, principalmente, de idade avançada, senhoras e senhores aparentando sessenta anos ou mais, alguns poucos jovens e jovens adultos, e uma quantidade

maior de pessoas com um rosto cansado de seus trinta e tantos anos, entre outras que, pela envergadura da viagem, já dormiam na espera de alguns minutos que o ônibus fazia antes da partida, intervalo em que o motorista aproveitava para fumar um cigarro rapidamente.

O coletivo que seguia para a Restinga, mais adiante do meu destino na zona sul, cruzava a cidade por vários bairros: Cidade Baixa, Azenha, Praia de Belas, Cristal, dentre outros. Do centro dos arranha-céus e prédios históricos, com suas subidas e descidas íngremes, íamos lentamente rumo a uma horizontalidade extremada, contrastando nosso ângulo de visão e mexendo em nossa concepção vertical e naturalizada de mundo.

Na chegada fico ansioso para encontrar meu contato e preocupado em adentrar no espaço escolar sem autorização, mas me identifico na guarda com o cartão da UFRGS e peço licença para esperar a chegada dos estudantes, avisando que estava ali para uma entrevista de pesquisa da faculdade. Sem mais problemas, entro no pátio gigantesco e arborizado do Instituto Santa Luzia, em que uma capela com a santa que se identifica com as necessidades especiais da visão me aguarda, em meio às árvores e alguns bancos típicos de praças públicas.

Envio uma mensagem ao Leonardo pelo celular e espero, com alguns estudantes curiosos à volta com a minha estranha presença. Leonardo, depois de uns vinte minutos, aparece com um rapaz negro, alto, físico de atleta, cabelos em forma de cachos rastafári, com a voz timidamente nasalada, configurando-se nosso segundo personagem, o qual nos é apresentado rapidamente: **Cássio**.

Nosso segundo personagem apresenta uma história peculiar, que começa com seu nascimento em novembro de 1991. O mesmo é praticante de Artes Marciais em Academia (*Kung Fu*) e escoteiro, transitando ainda pelos extremos da cidade, pois namora uma menina que habita um dos bairros nobres de Porto Alegre, o bairro Bela Vista, próximo a zona norte.

Morador do bairro Camaquã, também estuda desde as séries iniciais no ISL, indicando ser telespectador das novelas da RGT *A Favorita* e *Malhação*. Cássio é fã do sotaque gaúcho, porto-alegrense e gremista “onde o Grêmio estiver”. Possuindo ligação com movimentos estudantis – pela justiça social e popular, entende que “o mercado de trabalho é uma ilusão” – ainda que seus pais sejam profissionais bem remunerados, como é o caso do pai (Contabilista), funcionário público no Tribunal de Contas do Estado (TCE/RS) e sua mãe Engenheira de Produção em uma grande construtora da cidade de nome Tedesco.

Sua trajetória de vida está inscrita na zona sul do município, onde “viveu toda sua vida”, lugar que diz conhecer muito bem. Gosta de jogar Campo Minado no computador e vídeo-game em locadoras do bairro, ficando até uma tarde inteira nessa programação. Seu itinerário inclui a escola e a academia, idas a shoppings e festas com a namorada, pois não

trabalha atualmente, “apenas estuda” e reúne-se com grupos de escoteiros em alguns fins de semana. Mesmo que crítico da situação econômica do capitalismo tem como projeto de vida o sonho de formar-se em Engenharia Ambiental, mas não vai prestar vestibular agora (2009), vai “se preparar melhor para as provas” após concluir o Ensino Médio.

Seus pais mantêm um relacionamento estável, com os quais reside, não possuindo irmãos, ou seja, sendo filho único, Cássio recebe atenção tida por ele “como especial” por parte de sua ascendência. Cássio tem uma fala calma e tranquila, quase que para dentro, introspectivo, tem um olhar bastante relativo da realidade escolar (possivelmente pela sua convivência em outros bairros da cidade) que apareceria em suas declarações sobre os colegas em contraste aos personagens das novelas. Em seu gosto encontramos ainda a música do afro-americano estadunidense Michel Jackson, o seriado pastelão mexicano Chaves, os quadrinhos de gibi de tipo Mangá ou Anime, mas nada disso se compara ao “sentido do escotismo” ou a prática de *Kung Fu*, segundo ele afirma. Em comum com Leonardo, o gosto de audiência do desenho animado Os Simpson, para eles: “simplesmente o melhor de todos os hábitos de consumo”.



Fig. 7 – Cássio – Fonte: Acervo Pesquisa

Depois da breve apresentação dos meninos no pátio da escola, fomos ao portão de entrada do prédio principal do ISL, onde se encontravam sentadas duas meninas, uma loira, pequena do tipo sorridente e extremamente comunicativa, juntamente à outra, cabelos longos negros, branca de estatura média, compenetrada e com ar professoral. Surgiam assim duas novas personagens em nossa aventura televisiva: **Kyane** e **Mariana**. Kyane prontamente foi se apresentando: nascida em março de 1992, moradora do bairro Espírito Santo, zona sul de Porto Alegre, nas cercanias do ISL, filha de um “radialista famoso” por seu trabalho na RBS/Rádio Atlântida, e de uma micro empresária, que mantém uma locadora de vídeo no bairro em que reside. Ufa!

Kyane tinha como prática a fala. A que “mais gostava de novelas” e, assumidamente, fã de Malhação, a qual “acompanhava diretamente”; deixando apenas para trás em troca de um “segundo vício”, passar horas na internet no site de relacionamentos Orkut falando com seus amigos e, principalmente, seu namorado “importado” – o mesmo residia na cidade de Tramandaí, no litoral norte do estado, era estudante universitário do curso de Administração da Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS) e tinha 19 anos.

Do seu perfil no Orkut, comunica “quem sou eu”:

Sou eu que começo? Não sei bem o que dizer sobre mim. Não me sinto uma mulher como as outras. [...] Adoro cor-de-rosa, detesto massas cinzentas. Penso como um homem, mas sinto como mulher. Não me considero vítima de nada. Sou autoritária, teimosa e um verdadeiro desastre na cozinha. Peça para eu arrumar uma cama e estrague meu dia. Vida doméstica é para os gatos.

Os pais são casados e ela mora junto com estes em um apartamento perto da escola. Dizendo-se gostar de adrenalina, “malhava” em uma academia perto da sua casa, para manter a forma e porque “sentia-se melhor”. Segundo os amigos, “totalmente americanizada e fútil”, por aderir aos estilos e promover as condições ideais propostas na telenovela *Malhação*, como os gostos estéticos em vários sentidos, Kyane circulava bem de toda forma entre seus iguais, com muita empolgação dizia-se telespectadora de *Malhação*, *Três Irmãs* e *Mulheres Apaixonadas*, todas veiculadas na RGT.



Fig. 8 – Kyane – Fonte: Acervo Pesquisa

“Kiki” tinha um rosto iluminado pela contagiante “correria”. Estava sempre envolvida nalguma atividade, na formatura, vendendo rifas, articulando amigos em torno de uma torcida nos jogos da escola ou até mesmo preocupada com as fotos e sua imagem na pesquisa. Colorada de olhos verdes, apaixonadamente falava de seu namorado de igual teor, valor ou forma. Falava muito que a “música era o remédio da alma”, que era uma “revolucionária preguiçosa” e que entendia que a “sinceridade é o mais importante” nas pessoas. Nos fins de semana trabalhava na locadora da mãe, principalmente aos domingos, quando aumentava o movimento na loja.

Os trajetos em seu percurso descreviam ambientes abertos, pois havia relatado que seu pai orientava-a nos seus relacionamentos de forma a “ser responsável pelos atos”, então ia a parques com o namorado, ficava com a “porta aberta do quarto” e assim vivia em liberdade,

“sem vigias”. A escola era um ponto de encontro dos amigos, saía em festas fora do bairro, desde que tivesse “alguma banda tocando, senão perdia a graça”, gostava muito de ir a shoppings e pouco frequentava o cinema ou teatro. Nos seus planos futuros, a faculdade de comunicação, e o sonho de ser jornalista, pretendendo prestar vestibular na UFRGS em 2009 (não foi aprovada, agora cursa pré-vestibular para tentar novamente).

Como boa pretendente da comunicação, Kyane nos apresenta de forma “jornalística” nossa quarta personagem e sua “amigona”: **Mariana**. Nascida em julho de 1991, mora no bairro Cavalhada, e também estuda no ISL desde as séries iniciais, fechando nosso núcleo noveleiro do ensino médio da escola.

Telespectadora de A Favorita e de Malhação, “Mary” era a mais fechada do grupo inicial, dificilmente falava dos pais, em entrevista apenas fazia referências; e quando perguntada diretamente sobre estes, não quis falar sobre o assunto. Pelos colegas ficamos sabendo que eram separados e que tinha irmãos menores, oriundos de outros relacionamentos de sua mãe.

Entretanto, nas entrevistas Mariana era bem falante, principalmente por se identificar com Kyane, pois também se dizia “colorada fanática”, o que facilitava a comunicação nos encontros. Considerava-se uma “branquela e gordinha orgulhosa”, muito afetuosa, tinha especial dedicação com crianças, participando de atividades escolares que privilegiavam o cuidado com os menores. Das pessoas do grupo do ISL associados à rede de relacionamentos digital chamado Orkut é a que mais possui associações a comunidades (mais de quinhentas, enquanto os outros informantes em média se associavam a quarenta comunidades).

Do seu perfil no Orkut, comunica “quem sou eu”:

Ser feliz é uma questão de talento :D



Fig. 9 – “Mary” – Fonte: Acervo Pesquisa

Seu trajeto cotidiano se dividia entre a escola, a casa, os cuidados dos irmãos menores e as atividades de caminhada que fazia. Parecia bastante engajada politicamente, participando sua opinião e conhecimento acerca das dificuldades e desigualdades sociais que percebia no cotidiano da cidade. Gosta de ler, “fala sozinha” e “joga taco”, além de “fazer o bem sem olhar a quem”. Acha que “tudo é culpa do capitalismo”, e que o “plantão na TV dá medo” (Globo Repórter/RGT), admitindo, ainda, ser fã do seriado televisivo de suspense/aventura chamado *Lost*.

Mariana objetiva como projeto de vida cursar Pedagogia na faculdade, gostaria de trabalhar com crianças (inclusive faltou em um dos encontros por ter atividade no mesmo horário de “fabricação de geleca” com crianças do ISL), dando aulas ou sendo atendente em creche – apesar de “chorar na porta da escola quando criança”. Com olhos amendoados, e uma tez branca como a neve, não é muito preocupada com questões estéticas, observando que “as pessoas deveriam ser felizes conforme são”. Confidencia também que “o SBT havia formado o seu caráter”, com referência em alguns programas exibidos por esta emissora, como a novela “A Usurpadora”.



Fig.10 – Local dos Encontros no ISL – Fonte: Acervo Pesquisa

Nessa viagem ao centro das relações juvenis da zona sul porto-alegrense, imbricadas essas em suas múltiplas identidades, e, dentre elas, a do consumo em sua articulação com um estilo de vida, fomos pacificamente rompendo com as camadas sócio-culturais de nossas percepções sobre como se dão as identificações e pertencças no campo do imaginário e corpóreo televisivo, tido por nós como um possível ideal realizado. O grupo inicial se estendeu com o tempo ao das relações dos primeiros jovens nativos da zona sul, agregando novos atores (chegamos a quinze presenças) na narrativa re-significada da telenovela Malhação no decorrer dos capítulos da trama televisiva.

Na medida em que decorriam também os capítulos da “novela da vida real” – como os jovens informantes declaravam a vida em comum e as estratégias de sobrevivência em sua dificultada experimentação e vivências – a realidade nos diferentes tempos da urbanidade porto-alegrense se fazia mais diversificada. Essa diversidade de relatos de audiência e as características distintas dos jovens nativos da zona sul fizeram-me refletir certo tempo sentido em contraste a outro, um tempo vivido, na minha distante juventude na cidade de Santa Maria (RS), na qual os personagens perturbariam agora, fantasmagoricamente, minha reflexão acerca do mundo fantástico das telenovelas.

CAPÍTULO VI – CORPOREIDADES E JUVENTUDES IMAGINADAS: UMA NOVELA DA VIDA REAL

DVD – ANEXO

CAPÍTULO VII – E QUANDO O ASSUNTO É MALHAÇÃO?

“Eu vejo na TV sobre o que eles falam sobre o jovem não é sério
o jovem no Brasil nunca é levado a sério
eu vejo na TV sobre o que eles falam sobre o jovem não é sério
não é sério.”²¹

Considerada a primeira das novelas que rompe com a moral medieval lançando as bases do realismo e datada do século XIV (1353), do autor italiano Giovane Boccaccio, *O Decameron* retratava o encontro na igreja Santa Maria Novela, em Florença, de sete mulheres jovens e três homens jovens que, fugindo da peste bubônica (Morte Negra) que assolava Nápoles, refugiaram-se na narrativa diária de histórias que retratavam as idiossincrasias humanas.

Sentia os encontros com os jovens do Instituto Santa Luzia de re-elaboração dos episódios da Malhação como um re-significado *Decameron*. Assim como Boccaccio recontava a histórica Peste Negra e diálogos de personagens existentes a sua época, de forma romanceada, mas realista, nossos jovens informantes também produziam sua “versão dos fatos”, articulados aos dilemas pelos mesmos enfrentados no cotidiano da cidade de Porto Alegre.

A distância espacial da produção televisiva da Malhação (no estado do Rio de Janeiro/PROJAC) era assim transposta temporalmente nas vivências e experimentações da realidade, distintas e diversificadas em suas interpretações e visões de mundo, especialmente divididas pelo convívio comum de imaginários geográficos da ISL dos jovens nativos da zona sul porto-alegrense.

Nossa tentativa de estudar compreensivamente esse momento de construção identitária perpassa a troca de informações e posicionamentos juvenis, acerca do que era consumido diariamente na audiência da telenovela, objeto de nossa recepção.

Nos primeiros encontros a iniciativa de relato sobre os fatos centralizava-se sobre os protagonistas da Malhação, sendo que os personagens adultos sequer eram citados, a não ser como referência a situações em que os adultos eram chamados a responsabilidade por atos negativos dos filhos e filhas estudantes do Colégio Múltipla Escolha. No decorrer da trama e dos nossos encontros, os assuntos iam transformando-se em questionamentos, dos modos de vida dos jovens personagens na comparação com a “novela da vida real”.

²¹ Trilha Sonora de Malhação, letra e música “Não é Sério”, do grupo Charlie Brown Jr.

O episódio mais comentado foi quando a trama se encontrava em sua metade, e a “vilania” da personagem Débora se confundia com sua irresponsabilidade frente os cuidados com o filho da irmã Angelina:

Mariana: Débora roubou filho da Angelina;

Kyane: ou não? – Ela não avisou...

Leonardo: Ridículo. Filho da Angelina com o Bruno tem nome do Gustavo. Do Ex-namorado. Muito amigo... Nunca eu deixaria.

Kyane: É. Nada a vê... Eu também não deixaria... E porque toda novela tem uma vilã e uma mocinha que nunca fez nada?

Leonardo: e a Débora voltou a ser vilã...

Cássio: é... Débora perdeu filho da Angelina...



Fig.11 – Jovens Informantes – Acervo Pesquisa

Quando perguntados diretamente sobre a Malhação:

Kyane: A Malhação virou um costume. É um vício pra mim... Se eu não vejo Malhação fico nervosa... Se eu to noutra lugar e chego e não vejo assim... Fico tri mal... E as outras eu vejo pra passar o tempo... A das 7h... É muito boa... A das 8h é pra dormir...

Mariana: Não considero Malhação novela... Assistio porque depois vem outras novelas que gosto mais de assistir, como A favorita... Essa é boa!

Leonardo: Malhação é interessante porque são pessoas da nossa idade, antes não era assim, eram ridículos, uns caras com trinta anos, velhos já, e as meninas também...

Cássio: É legal assistir Malhação porque, eles são como nós... Mas antes não era, realmente, eram bem mais velhos... E a matéria da escola é igual, igual mesmo...

O que mais impressiona nas narrativas dos jovens informantes era seu questionamento ao mesmo tempo em que falavam sobre os acontecimentos da telenovela, evidenciando as contradições na trama, que diferenciavam da realidade que estes viviam, principalmente quanto aos espaços:

Kyane: Eu não via a “mudança”... Da academia pra escola... Não acompanhei porque faz “muito tempo”... Tirando Gigabyte naquela época... Todo mundo era da república...

Leonardo: Gigabyte todo mundo morava lá... O tempo todo lá... Não tinha ônibus...

Mariana: E república não é assim... Todo mundo andava a pé...

Cássio: é todo mundo a pé... Em 2 minutos chegavam nos lugares... Como?

O contraste com a realidade do ISL era quase que inevitável:

Leonardo: Na Malhação tudo parece “muito fácil”... Quando ta tendo uma aula: quem sabe me explicar a Revolução Francesa? – aí todo mundo: eu sei... Eu sei...

Mariana: É todo mundo quieto... Tu vê quando começa e quando termina a aula... E tudo certo...

Kyane: O colégio parou no meio do ano pra obra... Nunca...

Cássio: Pior quando caiu o teto do colégio e os alunos fizeram uma “vaquinha” pra pagar os pedreiros pra ir mais rápido... Que idiota aquilo...

Leonardo: outra coisa que acho muito feio na Malhação é quando está todo mundo quietinho na sala... A “câmera mira” num personagem vira pra trás ou pra frente (nunca alguém do lado), batem um papo, todos ouvem, e daí professor pede pra que fiquem quietos... Aí bate...

Kyane: é... É igual sempre... Mas esse ano não mostra aula, apenas os lugares aonde vão, eles não vão pra aula...

Cássio: mas a matéria que passa em aula do terceiro ano é igual... Estudam em um dia a matéria do ano todo para uma prova... E sabem tudo...

Mariana: Malhação é cultura... A cola deles é um fio... Nem sabem fazer cola...

Resolvi pedir uma palavra que caracterizasse cada um dos protagonistas de Malhação, e, sobre a Angelina, Cássio chamou-a de “mongolona”. Para Mariana a mocinha era uma “ingênua”, para Leonardo ela era “madura demais”, Kyane considerou a mesma como “enjoada”. Sobre o personagem origem da disputa das irmãs, Gustavo, Cássio e Mariana deram acordo: “chato”. Talvez pelo que Leonardo diria em seguida, que o mesmo era “certinho demais” e “perfeito”, no que concordava Kyane, falando que sentia o mesmo “muito forçado”. Por último temos o personagem Bruno. Para Cássio ele é “traíra”, no entendimento de Mariana este era “inteligente”, Kyane o caracterizou como “imaturo”, seguida de Leonardo que disse que “ele havia mudado” (referindo-se a maturidade). E sobre os personagens e os pais destes, como funciona a relação:

Leonardo: o Gustavo se tem alguém chorando num canto ele vai lá consolar... Não interessa se é aqui ou lá em Pequim...

Kyane: nas novelas, e também na Malhação, não tem pobre, lado pobre, se tem é uma pessoa... Lado rico... Lado pobre...

Leonardo: não importa quem eles são, mas sim que ganham dinheiro e são importantes...

Mariana: o pai do Gustavo ta dando aula no colégio sem ser formado...

Kyane: e o pai da Débora é o vilão também... o Félix... que é empresário...

Cássio: teu pai é empresário, mas não é milionário (ref. Ao Leonardo)... Todos os pais de vocês são empresários...

Leonardo: todos moram longe dos pais e recebem uma pensão enorme...

Kyane: eles moram na república, daí tão com a casa em construção e de pronto, já tem outra esperando...

Procurando articular a ideia de itinerário dos jovens informantes e das movimentações dos personagens na Malhação, perguntamos sobre algumas possíveis relações semelhantes de percurso:

Kyane: eu acho que na novela eles fazem uma ficção que é pras pessoas se basearem, entendeu? Pras pessoas fazerem da sua vida uma novela... Temos um colega, que vive no mundo de novela... Ele é uma novela, um filme... Vive num mundo que não é dele, fantasia as coisas...

Mariana: eu vim pra escola, eu joguei... Como a malhação jogou também... Só que a diferença é que eles ganharam e eu perdi...

Leonardo: na malhação todo mundo tem um plano... É... Eu perdi também (ref. Jogo)... O que era aquela cesta “impossível” da Débora...

Kyane: elas não treinaram o ano inteiro e venceram...

Mariana: nós também não treinamos o ano inteiro e perdemos...

Por mais que os jovens informantes escolhessem falar sobre as questões mais gerais na Malhação, sua estrutura relacional comportava uma reflexão subjetiva bastante centrada no quesito econômico, como podemos notar nos relatos abaixo:

Leonardo: vão ao shopping e voltam com um milhão de compras...

Mariana: é verdade. E mais, sem os pais ainda!

Kyane: na verdade é que na Malhação a gente se irrita, é muita ficção em compensação à verdade, nada parecido. Tu te irrita porque a tua vida é um drama, não vai ir no shopping fazer compras...

Cássio: te irrita na hora!

Leonardo: quando que um cara que gosta da guria vai ajudá-la a ficar com outro?

Kyane: e a guria é toda certinha... Outra coisa, eles nunca entram no Orkut na Malhação... Se fosse realidade seria Orkut...

Cássio: tem outro site de relacionamento... Eles não podem dar nome de marcas que tão usando... Só quando tem interesse de vender...

Quando falamos sobre os hábitos comuns de consumo, frente ao sem número de possibilidades transmitidas por Malhação, os jovens declararam unânimes que as gírias e roupas eram os componentes que mais os aproximava, assim como as músicas veiculadas. Apesar de a telenovela realizar um ideal de consumo tipificado como de juventudes urbanas, considere o nível de crítica dos jovens nativos da zona sul como diferenciadas da recepção que outrora vivenciei em minha juventude.

Na realidade, minha geração assistia Malhação sem considerar seus enlaces em nosso cotidiano. Entendo que consumíamos simplesmente, sem tirar um posicionamento qualquer sobre o imaginário televisivo, não discutíamos tão abertamente as questões levantadas pela trama juvenil. Quanto às possibilidades de incidência no corpóreo, as roupas e gírias também apareciam com frequência, bem como a qualificação do gosto musical.

Compreendo que as relações de consumo das atuais juventudes perpassam uma complexa rede de considerações acerca da experimentação individual e coletiva da vida, re-interpretada, re-negociada constantemente na contemporaneidade pelos jovens informantes. Estes compunham em suas narrativas um discurso bastante elevado de crítica social, contrariando os estudiosos da Escola de Frankfurt e o senso adulto que indica os mais jovens como alienados e despreocupados com a sua situação política, econômica e cultural.

Conforme podemos observar nas suas “opiniões” sobre a produção da telenovela *Malhação*, a novidade na escuta das juventudes revela uma capacidade desenvolvida de crítica social e de localização das condições específicas da ficcionalidade, e uma percepção das correlações entre o imagético televisivo e a corporeidade não verificada nas parcelas juvenis da classe média, tida como camada ou elemento *sui generis* das transformações sociais e culturais. Evidencia Esther Hamburger (2002, p. 80) que:

Acessar significados não previstos, não planejados, mas que de alguma forma se inscrevem nos meios de comunicação de massa, implica levar em conta relações entre produtores, criadores, governo, forças políticas, telespectadores, em momentos históricos específicos, em torno de textos. Mecanismos distorcidos de interação e pressão, permeados por relações desiguais de poder estabelecem laços de cumplicidade entre consumidores e produtores que vão definindo e redefinindo significados.

Será que estamos assistindo a emergência de uma nova correlação de forças no campo de possibilidades relacionais das camadas médias brasileiras, tal como um dia rompeu *Decameron* com a moral vigente à sua época, novos enlaces juvenis estarão nos reservando novas perspectivas na urbanicidade porto-alegrense? O devir das sociedades evidencia rupturas nas culturas organizacionais. A geracionalidade das juventudes me parece, concorrer nesse sentido e direção, pois, seus diálogos possuem o tom da autocrítica vislumbrado por Walter Benjamin (1994) na “era da reprodutibilidade técnica”.

As relações humanas primam pela sua distinção espaço-temporal tanto quanto comunicacional, na perspectiva dos sentidos ou até de suas razões práticas na experimentação das realidades. A descoberta do social envolve sua dimensão relacional, a cultura que, simbolicamente, verifica-se ocupada nas teias de significados e significantes constantemente transformados e transformadores das múltiplas linguagens, como é o caso do imaginário televisivo. Os fenômenos juvenis imbricados à corporeidade, enquanto um estilo de vida, um *ethos* jovem, na qualidade de consumo de bens culturais, tal como ocorre na telenovela *Malhação*, provoca-nos a rever processos da urbanicidade que nos indicam um possível “lugar”, certo “pertencimento” de que se vale nossa reflexão para sua [re] invenção!

CAPÍTULO VIII – NO RESGATE DOS DADOS, UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

“Às vezes penso que eu assisto a TV
 como o cãozinho que olha o frango rodar
 porque o que está lá dentro
 é tudo o que eu quero ter
 porque o que está lá dentro
 é tudo o que eu não posso ser”²²

A inserção no campo se deu através de Leonardo, jovem que conheci na locadora de vídeo em que trabalha, no centro da cidade. “Léo” estava iniciando seu trabalho naquele período. Ao convidá-lo a participar da pesquisa, expliquei seu propósito, e, perguntado se assistia novela: “Claaaarooo que simmmm!” [...] “Principalmente Malhação...”

Ele ficou de indicar outros três colegas que também compartilhassem o mundo da Malhação. Em uma semana realizamos o primeiro encontro, na escola Santa Luzia, localizada na Zona Sul de Porto Alegre. Aquela parte da cidade era estranha, pois estava fora do meu itinerário cotidiano. Excerto do diário de campo:

A primavera timidamente se iniciava, mostrando que não apenas as juventudes estão em permanente permuta, mas também a natureza em um cenário maior, e a mágica se encontrava nas múltiplas faces estudantis da Avenida Cavallhada que conheceria, mudando meu percurso, transformando minha realidade pelo advento do processo de pesquisa.

Leonardo apresentou seu colega Cássio, em uma tarde de muito calor. Em uma conversa breve, foram explicados os termos éticos da pesquisa social, trocados contatos, e marcado novo encontro, em que se contaria com a possível participação das meninas, que já haviam ido embora da escola de carona, impedindo no primeiro encontro qualquer avanço maior. Cássio confidenciaria, ainda, que gosta de muitas telenovelas: “assisto várias, prefiro de noite, mas Malhação é legal porque os atores ‘são como nós’...”. Na semana seguinte, conhecemos as meninas, Kyane e Mariana, as quais já começaram a falar da telenovela – Kyane: “a Malhação é a melhor...” – Mariana: “não considero a Malhação uma novela...”

Mesmo com os limites no campo, os processos constantes de negociação, os rompimentos e as condições inerentes como o enfrentamento de nossos não-saberes, construímos um capítulo com vídeos etnográficos (DVD), no qual a composição da rede social (Apêndice E) possibilita uma maior apreensão destas performances narrativas apresentadas pelos jovens informantes (FOOTE WHYTE, 1990). Nele, são demonstradas as

²² Música “televisão de cachorro”, composição da banda brasileira Pato Fu.

representações do consumo ideal televisivo no cotidiano dos entrevistados por meio de sua linguagem, de sua vestimenta e da sua identificação com o “lugar das coisas”.

Seus projetos de vida incluem a faculdade, ainda que discordem da “fantasia” das telenovelas como salientam acontecer na Malhação, na qual “todos têm uma vida de burguês”. Os pais de 50% do grupo são separados. Seus pais são profissionais liberais (75%) e funcionários públicos (25%). Abaixo, segue alguns extratos das entrevistas, com algumas declarações sobre a recepção imagética do romance Malhação:

Eu malho sempre, é bom sentir a adrenalina... - Kyane (17 anos²³)
 Pratico Kung Fu, mas não malho... - Cássio (17 anos)
 Malho toda semana, me sinto bem ali... - Leonardo (18 anos)
 Não gosto de malhar, mas caminho frequente... - Mariana (17 anos)

Como se pode perceber, todos realizam algum tipo de exercício físico, não que aqui se encontre uma “geração saúde”. Eles reorganizam seus itinerários para manter a “boa forma”, regra básica para ser personagem na Malhação, em que não há ninguém acima do peso ideal, e, se houver tal personagem, os próprios entrevistados revelam que o papel envolve algum tipo de “compensação” – o faxineiro da Malhação, jovem ator que por uma atividade de caça-talento havia ingressado nesta temporada (2008) não compunha o núcleo principal, pois era considerado “feio”, entretanto, tinha sido escolhido pelo seu “talento”, em processo público de seleção; a solução encontrada pela “produção” foi colocar o mesmo no núcleo humorístico dos “funcionários” e atores adultos da telenovela, representando certo “bônus social”.

Nas narrativas dos jovens informantes as sinalizações do lugar do feminino e do masculino aparecem frequentemente, como quando em um dos capítulos, a personagem principal está grávida e resolve dar o nome de outro (ex-namorado) para o filho que veio da sua nova relação. Tal situação era em coro rechaçada por todo o grupo com a seguinte frase: “é ridículo, nunca deixaria colocar o nome de outro (a) no meu filho (a)”.

Salienta-se aqui a utilização da técnica proporcionada por Dolle e Bellano (2004) para articular a rede de significados desde a recomposição imagética das narrativas dos capítulos auditados. Com essa fundamentação percebeu-se, também, que, na cultura de consumo televisivo, organizam-se práticas ideais em que o devido tempo e espaço míticos são compartilhados pelos jovens geracionalmente, como se evidencia na constituição dos personagens da Malhação através da sua audiência.

O itinerário e o percurso divergiam em alguns momentos, entre a Malhação e a “novela da vida real”, conforme as narrativas dos jovens nativos da zona sul porto-alegrense.

²³ A idade aqui relatada dos jovens é da entrevista, em 2008.

Entretanto, as festas realizadas e participadas pelos alunos do ISL, como o “Recreio a Fantasia”, eram “ideias emprestadas” de episódios da dramaturgia. O mesmo ocorria com as disputas de torcidas em campeonatos internos, no qual havia o grupo principal (eles no 3º ano) e o grupo adversário (estudantes do 2º ano), disputas e representações ideais de suas jornadas emocionais eram narradas com um tempo próximo ao da telenovela.

A Malhação tinha seus heróis e heroínas. O Instituto Santa Luzia também. Como a escola trabalhava com portadores de necessidades especiais, como no caso da visão, nosso grupo todo estava associado a uma página no “site” de relacionamentos “Orkut” do para-atleta campeão olímpico naquele ano – na entrada da escola havia uma faixa destacando-o que aparece em nossa etnografia audiovisual – estudante do ISL, sendo o mesmo referenciado muitas vezes pelos informantes na “roda” de conversa, como um exemplo para os mesmos de “superação”.

A temporada 2008, que foi acompanhada junto ao grupo de jovens do ISL, resgata a figura da “vilã” como desencadeadora principal (protagonismo) da trama (Anexo A), como podemos identificar na reprodução do capítulo²⁴ abaixo, que enuncia elementos figurativos da questão de gênero – o eterno mito de Eva²⁵ – enquanto geracional junto às juventudes auditadas:

Após descobrir que foi Débora quem trancou Tavinho no carro, Gustavo resolve denunciá-la na delegacia e levar o chaveiro para testemunhar contra ela. Só que o mocinho não contava que a patricinha tivesse um trunfo na manga... Quando Guga, irado, ameaça levar Débora na marra para a delegacia, a patricinha solta uma bomba: ‘Acho bom você baixar a bola, por que você não vai ter coragem de entregar pra polícia a mãe do seu filho, né?’ Gustavo fica chocado, sem acreditar. Débora, então, diz claramente que está grávida dele. Mesmo assim, o mocinho desconfia da vilã. Ele decide levá-la para fazer um ultra-som. Mas o resultado do exame é desesperador para Guga. Desta vez, Débora está mesmo falando a verdade. ‘Imagina só quando Angelina descobrir isso!’

Como se pode notar, a constituição dos personagens historicamente localiza o lugar do feminino e do masculino, com variações de formato, mas sem mudanças maiores no conteúdo sob o prisma de gênero. O lugar do imagético televisivo, conforme verificado nas respostas dos questionários articulados com suas entrevistas, sendo visto como “relativamente baixo”, aparece em 100% das respostas do grupo, o que indica uma ilusão acerca das consequências objetivas em suas corporeidades, pois evidencia um provável quadro de “cegueira social” –

²⁴ Fonte: Site Oficial RGT – acesso em 15/10/2007.

²⁵ O protagonismo, transmitido subliminarmente é que, mulheres que quebram regras: consequência negativa.

não que aqui estejamos retirando a agência destes sujeitos, apenas salientamos um fato que, como as próprias juventudes, vivenciam e experimentam a contradição.

De acordo com a pesquisa de Maria Jane Soares de Carvalho (2001, 2004) *Temporalidades Juvenis na Perspectiva de Gênero*²⁶, aplicada em 500 jovens porto-alegrenses na faixa etária aqui estudada, as mulheres jovens se ocupam com lazer em menor proporção do que os meninos. No entanto, no grupo do ISL tal característica se inverte no quesito “dedicação às novelas”, o que demonstra a seletividade maior das meninas pelo consumo televisivo, mas tal dado é comprometido, em certo sentido, pela representatividade de nossa amostra. O interessante é que os jovens participantes da pesquisa eram oriundos de escolas públicas, nesse sentido o contraste entre os estilos (público x privado) de uma e outra realidade é inevitável.

A “vilã” é o mote do romance televisivo e tem espaço ideal na cultura do consumo, recorrente nas narrativas dos jovens do ISL, verificado no estudo como articulado em um padrão global, o qual sistematiza uma opressão específica de gênero, sendo essa imbricada na institucionalização de um mercado efetivo do corpo, visível em sua representação simbólica sugerida pela telenovela *Malhação* aos seus consumidores.

Aqui não queremos adotar uma posição negativa ou positiva acerca dos fatos narrados que se relaciona com a produção imagética da RGT no caso em tela, a *Malhação*. Mas convém compreender tal problemática como um composto imanente nas posições dos jovens informantes, sua preocupação com o “lugar das coisas”, ou melhor, “cada coisa no seu devido lugar”, nos termos da questão da suposta “vilania” da personagem nos possibilita ir além de meros “psicologismos” ou de um mergulho na “fonte do nativo”.

As figuras femininas, ao longo da história, sempre foram apresentadas de forma antagonista e ideal – Maria x Eva, Princesa x Madrasta, Mocinha x Vilã. Esta construção impõe às jovens mulheres padrões de conduta ideais (Hambúrguer, 2002:79). O “Eterno Mito de Eva”, para além da polissemia de sentidos entre o imaginário e a corporeidade, demonstra e reifica um protagonismo das jovens mulheres em que o uso de sua inteligência na quebra de regras sociais implica em “castigos” e negatividade para suas vidas, tal como no episódio bíblico da “expulsão do paraíso”.

Nossa proposta de análise não se esgota nas condições acima expostas, apenas tenta estabelecer uma relação percebida no campo, desde as narrativas dos jovens informantes que consumiam *Malhação* tanto quanto suas gírias, como: “Aí Jesus, apaga a luz!”.

²⁶ Os jovens compuseram um “diário de usos do tempo”, que revelavam, segundo a autora, “estilos de vida”.

CONSIDERAÇÕES QUASE-FINAIS

“Mamãe eu vou ficar bem comportado
não vou dar nem uma alteração
em troca quero doce, bolo e bala
e direito a ver televisão.”²⁷

A globalização e a cultura de consumo possuem uma articulação que se identifica com os hábitos de uma urbanidade vivenciada pelas juventudes²⁸. Esse espaço negociado, aqui convencionado como de construção de identidades, conforme nos indica Regina Novaes (2007). As diferenciadas culturas em que estão mergulhadas as juventudes instigam a reflexão no sentido de compreender as possibilidades de realização de sua sociabilidade frente suas distintas trajetórias, percursos, projetos e histórias de vida. E as parcelas médias da população juvenil, por vezes, refletem identidades socialmente construídas, evidenciadas nas instituições contemporâneas, tais como a escola, a família, a religião. A cultura, enquanto um conjunto de significados e valores que agrega sentido às práticas relacionais juvenis é uma construção diversificada, a qual converge razões aparentemente divergentes.

Imbricadas relações assim desenvolvidas permitem analisar esse contato entre a mídia, enquanto mediadora de relações evidentes no cotidiano juvenil, em suas diferentes compreensões e interpretações. Sendo que, as representações produzidas por um *ethos* jovem, em que a geracionalidade implica relações multidimensionais – como as de gênero, são possivelmente visíveis e passíveis de relativização, partindo da dialogicidade encontrada no contexto televisivo das novelas; o qual pode ser entendido como uma informação romanceada de conteúdos individuais e coletivos de “como devem ser” os comportamentos sociais.

A intenção inicial com este estudo era abordar as perspectivas existentes nas juventudes desde sua re-elaboração das narrativas imagéticas que, de alguma forma, estão presentes na telenovela nacional exibida pela Rede Globo de Televisão denominada Malhação. Bem como, entender as significações corpóreas no interior do grupo, das suas percepções e compreensões da realidade enquanto telespectador-consumidores de romances contemporâneos.

Foi possível concluir, em um primeiro momento, que o tempo e o espaço televisivo preenchem o imaginário, em contraste com as experiências e vivências que, no cotidiano, comunicam uma realidade em permanente transformação, em que as redes sociais e seus significados conformam diferentes mundos simbólicos, nos quais as atitudes e comportamentos constituem ideias e matérias tão distintas quanto o são as juventudes em meio à urbanidade brasileira.

²⁷ Composição e Música: Trem da Alegria.

²⁸ Para mais sobre *juventudes e protagonismo juvenil*: Relatório Azul de Direitos Humanos (2005, p. 129).

O romance não é apenas “um gênero literário ou estilo”. Mais que a linguagem²⁹, sua estrutura comporta subjetivações das mais variadas formas do agir, sejam elas individuais ou coletivas. Na conjuntura mundial, o império da globalização, a lógica da liberdade individual e as subjetividades juvenis movimentam-se tanto quanto suas ideias. A narrativa romanceada invoca alguns elementos, essencialmente, míticos e folclóricos. Os personagens são mais que representantes de papéis sociais trágicos ou cômicos. Eles são, enquanto ideal realizado parte em um processo de constituição do real, idealmente imaginado, com sentido e direção previamente definidos pelos autores, diretores, mas, sobretudo, na contemporaneidade, objeto de consumo, mercadoria, que realiza determinados fetiches e estabelece relações interpretativas para além de sua ideal existência. O exercício de novos olhares por meio da análise social de narrativas juvenis, acerca dos processos percebidos na execução diária de trinta minutos da telenovela *Malhação*, desafia a problematizar mais que suas resultabilidades clássicas.

Esse cenário do romance, o *ritual* consagrado, revelado pelos informantes em seu consumo ideal coletivo, indica outras valorações de sentido em suas práticas sociais, sejam individuais ou coletivas. As razões e proporções encontradas em suas observações frente aos capítulos expõem redes fundamentais das suas escolhas e procedimentos. As colocações dos jovens informantes tinham em comum a temporalidade, os esquemas de conjugalidade, a descendência, os projetos de vida, os percursos dos personagens da telenovela.

Dentro desta proporção, a surpresa geral se dava no campo das escolhas pessoais ligadas ao que, convencionaram nossos jovens informantes, chamar de “a novela da vida real”. A chamada à realidade por eles compartilhada, pelo fato de estudarem juntos há pelo menos seis anos, compreendia uma relação aberta de alguns fatores mais específicos, que se revelaram quando os mesmos diziam-se adeptos do consumo televisivo por diferentes razões.

Na polissêmica narrativa dos jovens nativos da Zona sul porto-alegrense, as relações humanas eram demonstradas culturalmente em seu devir comunicacional. Como em processos de alteridade, a imersão pressupõe um estado anterior, uma forma, um formato que possibilite uma relativização das diferentes condições em que se encontra o corpo, o objeto, ou até mesmo sujeitos e pensamentos.

O entendimento que existe algo em si mesmo, um *outrem* (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 122), resgatado aos seus distintos conteúdos, atravessado pelas redes de significados, nos possibilita compreender os campos imaginários³⁰ dos outros mundos possíveis em seus mais variados sentidos. Um sentido relacional, que encontramos nas realidades, por razão de uma

²⁹ Para Martin-Barbero (1997, p. 198-201) uma “linguagem universal presente no melo-drama ... no uso do primeiro plano”, recursos que cultivariam um possível vínculo com *uma noção popular de consumo* que agregaria densidade as relações produzidas na mídia televisiva, com apelo de público transversal e multidimensional.

³⁰ *Champs de l'Imaginaire* (Campos do Imaginário) para Gilbert Durand (1996).

coexistência na experimentação e vivências individuais e coletivas em sociedade, está depositado nos construtos arquitetônicos que constituem um estilo de vida, distribuídos estes em espaços sociais, por vezes, desconhecidos nos tempos da urbanidade, porquanto formadores de um *ethos* jovem. Pois, segundo Videiros de Castro em seu artigo *O Nativo Relativo*, “o objeto da Antropologia, assim, seria a variação das relações sociais [...] de todos os fenômenos possíveis enquanto relações sociais”.

No filme *A Rosa Púrpura do Cairo*³¹, temos o vínculo destes simbólicos *mundos-ideias* quebrado, a distância cultivada entre o observador e o telespectador-consumidor e seu imaginário se rompem, abrindo um campo de possibilidades. A reflexão se estabelece no diálogo possível entre o formato e conteúdos cinemáticos nas suas consequências espaciais frente ao “público”. O tempo e o espaço, outrora mágicos, vivenciariam agora um experimento diferenciado da realidade – ainda assim fantástico.

A cultura do consumo objetiva guarda, portanto, margens subjetivas negociadas de relações interpessoais. Nosso estudo apenas demonstra que essas vivências e relações refletem, desde suas narrativas, algumas considerações sobre o ideal e o real na perspectiva do consumo da imagem, das construções possíveis do feminino e do masculino, e destas inter-relações em um contexto globalizado pelas práticas comunicativas padronizadas pelas atuais mídias.

O consumo ideal do feminino e do masculino por meio dos romances perpassa a história da humanidade e a narrativa remonta civilizações há séculos extintas. O que não existiu como mundo dado é “o lugar do feminino e do masculino” nas relações humanas em sociedade, com tamanha força tecnológica que acompanha a imagem na sociedade informacional. Os desdobramentos de tais fatos, na interpretação do fenômeno das juventudes, nos mostram evidências empíricas de uma construção socioeconômica de relações, em que a desigualdade de gênero permanece e se reproduz em várias dimensões do cotidiano, nas distintas culturas organizacionais.

Tentamos aqui não “mitificar” produções anteriores que, marcadamente, nos últimos trinta anos³², focavam nos estudos sobre Cultura de Massa o pólo cultura ou o da massa. Nossa intenção foi desenvolver a nuance da *cultura do consumo*, frente uma corporeidade e imaginários juvenis imbricados em sua articulada relação enquanto um *estilo de vida*. Antropologicamente, um *ethos* jovem a ser desvendado. Foram apresentados aqui apenas alguns elementos. No entanto, uma janela se abre em uma manhã que desperta tão transformadora como as estações, ao mesmo tempo fascinante, como o são as juventudes em seu movimento geracional.

³¹ Woody Allen (1985).

³² Esther Hamburger (2002, p. 53).

REFERÊNCIAS

- ABELLA, Márcio Z. C. *et alli*. Juventudes, a construção do amanhã é agora. *Relatório Azul 2005: Garantias e Violações dos Direitos Humanos*, Porto Alegre, p. 129-135, 2005.
- ABRAMO, Helena Wendel. *Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; FEFFERMANN, M. Se ficar o bicho come, se correr... . *Sociologia Especial*, São Paulo, ano I, n. 2, p. 46-55, 2007.
- ABRAMOVAY, Miriam; MG Castro; LB Silva. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: Edições UNESCO, 2004.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: Adorno T.; Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico – Contribuição para Uma Psicanálise do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas, v.1)*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORELLI, Silvia H. S. *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Editora Summus, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção – Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- CARVALHO, Maria Jane Soares *at alli*. Tempos compostos: gênero e classe social nos usos do tempo entre crianças. In: Marie Jane S. Carvalho e Cristianne Maria F. Rocha (Org.). *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- CARVALHO, Maria Jane Soares; MACHADO, Juliana Brandão e ROSA, Tatiane Silva da. *Educação, gênero e temporalidades – uma análise dos usos do tempo de crianças de classe popular da periferia de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.
- CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. *Por um novo paradigma de Fazer Políticas de/para/com juventudes*. UNESCO, 2003.
- CERTEAU, M. de. Culturas Populares. In: Certeau, M. de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

- CSORDAS, Thomas. *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.
- DOLLE, Jean-Marie; BELLANO, Denis. *Essas crianças que não aprendem – Diagnósticos e terapias cognitivas*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens – Antropologia do consumo para uma antropologia do consumo*. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário – Introdução a Arquitipologia Geral*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- DURAND, Gilbert. *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua e Câmera na Mão. *Revista Eletrônica Studium*. [HTTP://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm?=
=](http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm?=)
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, magia e oráculos entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FARIA, Nalu; NOBRE, Míriam. O que é ser Mulher? O que é ser homem? – Subsídios para uma discussão de gênero. *Gênero e Educação – Caderno de apoio a educadora e ao educador*. São Paulo: Editora Fundação Biblioteca Nacional, 2003.
- FERNANDES, J. W.; SVARTMAN, B. FERNANDES, B. S. *Grupos e Configurações Vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FISCHER, Rosa M. B. Mídia e Produção de Sentidos: A Adolescência em Discurso. In: SILVA, Heron da. (Org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FOOTE WHYTE, Willian. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- GEERTZ, C. Transição para humanidade. In: TAX, Sol (org.) *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaio Sobre Antropologia Interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- GOLDENBERG, Miriam. *O Corpo como Capital: para compreender a cultura brasileira*. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 05. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- HAMBÚRGUER, Esther. Indústria Cultural Brasileira - Vista Daqui e de Fora. In Miceli, S. (Org.): *O Que Ler na Ciência Social Brasileira 1970 – 2002*, v. IV, p. 53-84. São Paulo: Editora Sumaré, 2002.
- HAMBURGUER, Esther. *O Brasil Antenado: A Sociedade da Novela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- IBASE/POLIS. *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas – relatório final*, 2005.
- ILUMINANDO a face escura da lua – homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira. NAVISUAL. Direção: Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Produção: Rafael Devos e Anelise Gutterres. Porto Alegre: BIEV/PPGAS/UFRGS, c: 2004. 1 DVD.
- KELH, Maria Rita. *A Mínima Diferença - O Masculino e o Feminino na Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LASTORIA, Luiz A. Calmon Nabuco. Ethos sem ética: a perspectiva crítica de T. W. Adorno e M. Horkheimer. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 76, p. 63-75, 2001.
- LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.
- LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- MAGALHÃES, Nara. *Eu Vi um Brasil na TV - Televisão e Cultura em Perspectivas Antropológicas*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARTINS, J. de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, S. Caiuby (Org.). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Editora EDUSC, 2005.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MERLEU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos. *Sociologia Especial*, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 7-15, 2007.
- O CINEMA é como uma dança – Entrevista com Jean Arlaud. Direção: Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Produção: Rafael Devos *et alli*. Porto Alegre: BIEV/PPGAS/UFRGS, c: 2004. 1 DVD.
- OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo – A diversidade cultural no Brasil - Nação*. 1ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- RAMONET, Ignacio. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: UFRGS, Ano 13, n. 28, 2007.
- SANTOS, Solange dos. Nova Trindade: Busca, Fé e Questionamento. *Sociologia Especial*, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 64-73, 2007.
- SILVERSTONE, Roger. Televisão como Mito e Ritual. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 47-55, set./dez., 1994.
- TOMMASI, L.; NOGUEIRA, M.; CORROCHANO, M. C. (Org.). *Almanaque da Juventude e do Mundo do Trabalho*. Recife: Projeto Redes e Juventudes/FES/Ação Educativa, 2007.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- VERNE, Júlio. *Viagem ao Centro da Terra*. São Paulo: Editora IBEP Nacional, 2008.
- VICTORA, Ceres. A Mãe do Corpo Dentro do Corpo da Mãe. *Corpos, Cadernos do NUPACS*, Porto Alegre, NUPACS/UFRGS, n. 009, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Nativo Relativo. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 133-148, abr., 2002.
- ZANETTI, J. ; LÂNES, P. Jovens mulheres. *Sociologia Especial*, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 36-45, 2007.

APÊNDICE A – Roteiros de Entrevista (Não Diretiva)

Roteiro I – EXPLORATÓRIA**Entrevista A**

HISTÓRIA DE VIDA (ASCENDÊNCIA E SOBRE SÍ)

TRAJETÓRIA ESCOLAR, TV, FAMILIAR (INDIVIDUAL E COLETIVA)

PROJETOS DE VIDA (FAMILIAR, PESSOAL, PROFISSIONAL, SOCIAL)

IDENTIDADES SÓCIO-CULTURAIS (HISTORICIDADE E A CIDADE)

VISÃO DE MUNDO (O IMAGÉTICO E A SUA POÉTICA SOCIAL DOS VALORES)

Roteiro II – PROFUNDIDADE**Entrevista B**

RESUMO NOVELA 1 – MALHAÇÃO (22/09/2008 → 24/09/2008)

RESUMO NOVELA 2 – “A NOVELA DA VIDA REAL”

HISTÓRIA DE VIDA (A SEMANA)

TRAJETÓRIA (INDIVIDUAL E COLETIVA)

PERCURSO (FAMILIAR, PESSOAL, PROFISSIONAL, SOCIAL, CULTURAL)

MEMÓRIA TELEVISIVA (A TV NA CIDADE E A CIDADE NA TV)

IMAGINÁRIO (VALORES PERCEBIDOS – ENTRE O IDEAL E O REAL TELEVISIVO)

APÊNDICE B – Roteiro da Etnografia Audiovisual (Vídeo I, II e III)

IMAGEM

Foto: parada 1 (Borges de Medeiros); parada 2 (Cavanhada); parada 3 (Cavanhada); parada 4 (Salgado Filho); informante 1; informante 1 e 3; informante Grupo; informante 1 (locadora); escola 1 (fachada); escola 2 (portão entrada); escola 3 (árvores); escola (portão saída);
Vídeo: Locadora

SOM

Músicas; Trechos de entrevista (4 [informantes] + 1 [locadora]);

AUTORES-BASE

Gilberto Velho – Roberto Cardoso de Oliveira – Cornelia Eckert – Ana Luiza C. da Rocha

Articular: Conceitos; Letras de Música; Poemas; Trechos de Entrevista; Etnografia;

Conceitos: Juventudes; Cultura; Consumo; Corporeidade; Imaginário;

- **Ideias**

Fazer a construção dos personagens e dos espaços e guardar o tempo da narração enquanto surge a imagem completa;

Colocar a ideia da narrativa em ritmo de pesquisa;

Utilizar a técnica de corte-recorte;

Realizar dinâmica: quem sou eu?

Montar texto apoio;

- **Programa**

Vídeos de até 10min.

Apresentação 5min. (O quê? Com quem? Como? Quando? Onde? – Por quê?)

APÊNDICE C – Questionário Modelo 1 (semi-estruturado)

1- Nome:

Sexo: M F

2- Data de Nascimento:

3- Endereço: _____

4- Etnia/Raça:

Branca Parda Negro Índio Amarelo / Asiático

5- Escolaridade:

Ensino Fundamental Ensino Médio – Ciclo/Ano: _____

6- Você assiste Telenovelas?

Não Sim Quais: _____

7- Quantas vezes na semana você assiste telenovela:

1 2 3 4 5

8- Renda familiar total, em salários mínimos:

1 salário mínimo 2 sal.mín. 3 sal. mín. 4 sal. mín. 5 sal. mín. ou mais

9- Você assiste a telenovela Malhação?

Sim Não

10- Você se identifica de alguma forma com esse programa televisivo?

Sim Não

11- Você adquire produtos vinculados à telenovela Malhação?

Sim Não

12- Você considera que a telenovela Malhação é voltada à juventude?

Sim Não

13- Você entende que a TV de alguma forma incide na atitude dos jovens?

Sim Não

14- Você entende que a TV de alguma forma incide no comportamento dos jovens?

Sim Não

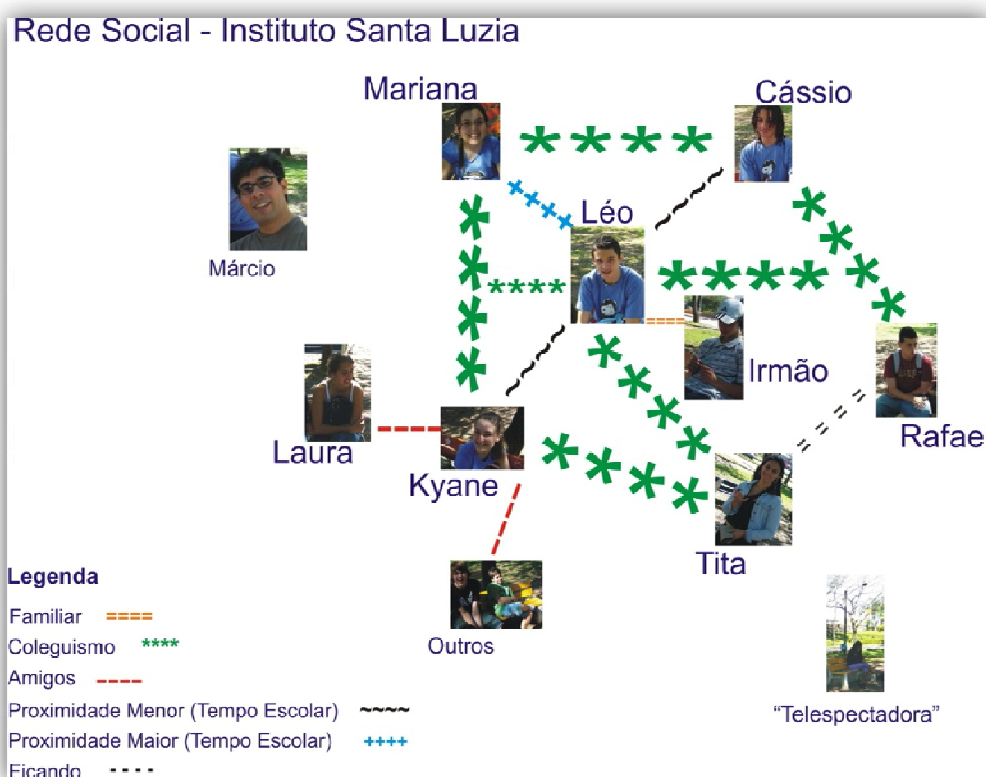
15- No caso de a sua resposta for afirmativa nas questões 13 e 14, qual forma você destacaria?

Corpo Linguagem Comunicação Vestimenta Outras: _____

APÊNDICE D – Os Personagens da “Novela da Vida Real” – Fonte: Acervo Pesquisa



APÊNDICE E – Rede Social dos Jovens Informantes do ISL – Fonte: Acervo Pesquisa



ANEXO A – Malhação *by* Malhação – Fonte: Site RGT

Angelina - Sophie Charlotte: Ela é filha adotiva de Conceição e irmã de criação de Leonardo. Muito pragmática e responsável para a sua idade, Angelina é uma jovem humilde e batalhadora. Após a morte de Conceição, a mocinha descobre que Félix e Rita são seus pais biológicos. No início da trama, a mocinha se apaixona por Gustavo e, desde então, passa a disputar o amor dele com sua irmã por parte de pai, a vilã Débora. Em meio a essa rixa, Angelina engravida de Bruno, com quem tem Gustavinho. Para complicar a situação, o rapaz decide usar o próprio filho para separar Angelina de Guga e consegue a guarda provisória de Tavinho.



Gustavo - Rafael Almeida: Filho de Joaquim e Daisy e irmão de Antonieta, Gustavo é do tipo que se dá bem em tudo: é inteligente, gente boa e esportista nato. O rapaz também é interessado em arte popular, nas nuances culturais do Brasil e tem um olhar artístico sobre tudo o que o cerca. No início da trama, ele se apaixona verdadeiramente por Angelina e os pombinhos vivem um lindo romance. Mas tudo que é bom, dura pouco, principalmente com Débora por perto. Enquanto Guga luta pelo amor de Angelina, a vilã arma o tempo todo contra a união do casal, pois também é apaixonada por ele.



Débora - Nathalia Dill: Filha de Félix Rios, Débora perdeu sua mãe, Flora, quando era ainda criança. Ela é uma menina rica, arrogante e consegue do pai o que quer. A patricinha é amiga de infância de Gustavo e apaixonada por ele desde sempre. Débora é a grande antagonista de Angelina, sua irmã bastarda. As duas vivem às turras, disputando o amor de Guga.



Bruno - Caio Castro: Tímido e revoltado, o rapaz é um aluno novo que foi transferido de outro colégio e, com o começo do novo bimestre, passou a estudar no Múltipla Escolha. No início, morou no dormitório, mas depois voltou para a casa dos seus pais adotivos. Rebelde, mas de bom coração, ele chega para atrapalhar o romance de Angelina com Gustavo, principalmente quando descobre que a mocinha está grávida do rival. Durante esse período, sofre um grave acidente e fica paraplégico. É em meio a esse momento de extrema dificuldade que Angelina dá à luz Gustavinho. Depois disso, decide se tratar nos Estados Unidos para voltar a andar, mas quando retorna, ele se revolta ao descobrir que Angelina e Gustavo reataram. Então, se alia a Débora para separar o casal e reconquistar a mocinha a qualquer preço. Bruno está tão transtornado que chega ao ponto de usar Tavinho para obrigar Angelina a voltar para ele.